

Acquired with the assistance of the

Sophia Augusta Brown
Fund

JOHN CARTER BROWN LIBRARY

INNOC V 284 - doesn't mention errata
note

OBSERVAÇÕES CRITICAS
SOBRE ALGUNS ARTIGOS
DO
ENSAIO ESTATISTICO
DO
REINO DE PORTUGAL E ALGARVES

PUBLICADO EM PARIS
POR
ADRIANO BALBI.

SEU AUCTOR
LUIZ DUARTE VILLELA DA SILVA

*Presbytero secular, Thesoureiro mór da Real e Insi-
gne Collegiada de Santa Maria da Alcaçova da Vil-
la de Santarem, Cavalleiro das Ordens de Christo,
e de Nossa Senhora da Conceição de Villa viçosa,
e Censor Regio.*



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1828.

~~~~~  
*Com Licença.*



Se um estranho á terra vem,  
Dizeis todos em geral,  
Nunca aqui chegou ninguém;  
E do vosso natural  
Nada vos parece bem.

Em fim que por natureza,  
E constelação do clima  
Esta nação portugueza  
O nada estrangeiro estima  
O muito dos seus despreza.

*Simão Machado, Alfeo-Comedia pag. 72.*





## PREFACÇÃO.

Muito tarde tivemos noticia de que um dos periodicos tinha accusado o livro intitulado: *Ensaio Estatistico do reino de Portugal e do Algarve*, publicado em Paris por Adriano Balbi, em dois volumes, no anno de 1822; e apenas o soubemos, e o podemos haver á mão, logo em nós se acenderão vivos desejos de ler esta obra, e a começamos a folhear com avidez, pois he natural a todo o bom cidadão saborear-se com as noticias da sua patria, principalmente vendo-a exaltada até por pennas alheias. Logo no discurso preliminar conhecemos que a empresa de seu auctor não era em muitos artigos dirigida pela verdade, sacrificando-a á lizonja, e adulação; e proseguindo em sua leitura descobrimos tambem com grande desgosto nosso defeitos essencialissimos, e omissões indesculpaveis. Por occasião de as ir encontrando as fomos unicamente por curiosidade apontando, sem tenção de que podesse algum dia vir á luz este nosso trabalho, e sem ser muito menos do nosso animo roubar áquelle escritor o louvor, que em algumas coizas me-



recem suas intenções, as quaes todavia não soube preencher de modo que segurasse na posteridade um monumento perduravel da sua literatura, trabalhos, e indagações.

Ouviamos geralmente, e a pessoas gravissimas, e a muitas de grande respeito subidos louvores do livro, e do auctor; chegando alguns a dizer, que o assumpto assim desempenhado pela penna d'um estrangeiro envergonhava a nação, pois nella não havia um só que fosse capaz de o satisfazer. Estes continuados elogios com discredito nosso, fizerão-nos capacitar que alguém poderia ter como verdades tudo o que nelle se lê, bebidas em fontes limpissimas, como o auctor assevera. Ao publico porem pertence, e de direito ser o competente juiz, procurando com critica imparcial analyza-las, entrando no verdadeiro conhecimento da sua exacção e merecimento, sem render o seu entendimento ao pezo da authoridade não só do escriptor, mas ainda de seus respeitaveis oraculos, relevando os descuidos naturaes em quem escreve, pois bem poucas obras são izentas delles.

O mais notavel que descobrimos no *Ensaio Estatistico* he o que se contem com o titulo de *Appendix*, que vem no segundo tomo, que diz respeito á Historia literaria; pois havendo muitos que tem modernamente



escrito em Portugal, e parecendo querer o auctor dar a conhecer o estado actual da nação, e numerando, e louvando em particular os que mais se tem acreditado, sem nenhuma consideração, nem escolha fez subir ao mais eminente lugar na caza da sabedoria a muitos só porque estavam elevados a grandes empregos; em quanto deixava no desprezo, e esquecimento a muitos outros dignos de serem nomeados; e confundindo, ou misturando nos mesmos, que aponta, particulas de oiro finissimo com o desprezivel cascalho.

He para sentir, que sendo o Sr. Balbi um viajante curiozo, demorando-se longo tempo nesta capital, e preparando-se para mostrar á Europa inteira tudo quanto podesse ennobrecer Portugal, tivesse tão pouca fortuna na escolha das pessoas que o dirigirão; e podendo penhorar a nossa gratidão, e reconhecimento, não desempenhasse com mais exacção, principalmente em objectos literarios, tão glorioza tarefa. Julgamos contudo não desdoirar a nossa patria (a) fazen-

---

(a) Nem todas as nações accreditão, e tem por verdadeiras as obras escritas nos seus respectivos paizes. Quando a penna d'um escritor não he guiada pelas regras da imparcialidade, e da justiça, certas condescendencias são prejudiciaes á gloria, e reputação da mesma nação. O nosso portuguez sobrinho do celebre Dio-



do á obra do Sr. Balbi as observações, que nos occorrerão, e que a rogos de alguns amigos nos rezolvemos imprimir. Sabios tem ella que assás a acreditão; mas seu merecimento affrontado por aquelles que o não tem, ou esquecido no mais ingrato silencio, sendo uns bem conhecidos pelo publico magisterio, outros por suas obras e acreditada litteratura, parece áciente eclypsado nesta obra, e assim dão-nos occasião para desconfiar, que motivos singulares, ou considerações mysteriozas forão quem ministrarão ao escritor as cores artificiozas para pintar agradaveis retratos, quando lemos os nomes de muitos suppostos sabios de certa ordem, de que o auctor se não esqueceu, sem credito, e sem

---

go de Paiva d'Andrada, e do seu mesmo nome, no *Exame de antiguidades*, não concordando em muitas coizas com as opiniões de Fr. Bernardo de Brito, escreve no prologo: "Advirto, que se se vir contradigo alleumas opiniões ou antiguidades que poderão honrar a nossa patria, saiba que o faço por mais honra sua; porque alem de ser coiza sabida, que sempre o falso desacredita, já que ella tem grandezas tão certas como a podem auctorizar os naturaes, ou affeigoados, fica-lhe sendo abatimento attribuir-lhe as duvidozas de que podem motejar os estrangeiros." Luzan, sendo hespanhol, não poupou os escritores da sua nação. "Corregir (diz elle) nos mesmos nuestros los erros és hacer en cierto modo menos sensibles y menos afrentozos los baldones de los estrangeros." Veja-se a *Volt Disc. sur la Poesie.*



reputação, e só por taes reconhecidos entre os da sua qualidade.

Quando os que tratão da historia litteraria d'um paiz nomeão os Newtons, Hottinges, Vossios, Petavios, Mabilons, Noris, Bossuets etc. etc. designão o numero de suas obras, e obras que honrem, e accreditem seus auctores. Porem muito he para considerar qualquer homem prudente que, sendo o *Ensaio Estatistico* apregoado em toda a Europa, possão alguns dos sabios della mandarem pedir de Portugal alguma das obras daquelles apontados no *Ensaio*, que nunca figurarão nem pelo publico magisterio, ou deixarão ociozos os prelos, e a quem o escritor reconhece como sabios accumulando-os dos mais subidos elogios, a nação fique mui desairoza não tendo que enviar-lhe de alguns nem um magrissimo folheto que sahisse de sua penna. Se o auctor faz honra da memoria de muitos portuguezes dignissimos, que motivo houve para metter em linha tanta gente, e alguma até desconhecida entre a classe dos homens instruidos? A nação portugueza em todos os tempos foi a patria de grandes e atilados engenhos; não se honra com imposturas, mas com realidades. A nação portugueza não he uma nação nova que começou agora a reunir-se em sociedade, he uma nação antiga, cheia de gloria, do-



tada de altos e briozos espiritos, e que por sua nobre ouzadia emprehendeu acções das mais largas, e importantes consequencias, e sendo tão pequena em numero, estendeu seus braços ás quatro partes do universo, servindo-lhe de admiração por suas conquistas, e proezas militares, e até por sua litteratura, principalmente nos reinados dos senhores Reis D. Manoel, e D. João III, que fazem a parte mais substancial da nossa gloria. Talvez que algumas nações que se prezão de illustradas tenham aprendido de outras tidas em pouca monta, e que dellas aproveitassem livros de folio para ao depois publicarem em oitavo. Acazo julgará o escritor que merece o nome de sabio, ou de literato, o que entende mal um livro francez, ou o que bacharela muito nos lugares publicos, ou em uma sala, soltando uma trovada de palavras ôcas sem pensamentos, nem ideias? Destes assás ficão todos enjoados, pois se nas grandes crizes he aonde se desenvolvem os grandes talentos; uma experiencia assás amargoza nos faz conhecer que ha bem poucos no tempo d'agora, cuja reputação litteraria tenha por baze merecimento real e verdadeiro, sendo claro a todas as luzes da evidencia haver em todos os tempos homens, que sem principios, nem erudição se mettem a sabios, e a criticos, como a



gralha da fabula entre os pavões. Com estes taes não se engana o que se propoem escrever com discernimento nesta materia; e estamos persuadidos que nem se enganaria o auctor do *Ensaio* se escrevesse com melhor conhecimento de propria experiencia, nem pareceria querer-nos enganar levando-se de informações mentirozas, e dadas, como se pode suppor, á falsa fé, e por sugeitos pouco aptos para isso.

Se não approvamos o auctor do *Ensaio* no methodo de escrever a sua obra, não deixamos de tributar-lhe louvor pela boa tenção de a escrever. Quando nos propomos escrever contra muitas couzas que nella nos não agradarão, devemos confessar com ingenuidade que o não seguimos em toda sua carreira, nem fazemos observações sobre objectos que estão fora do alcance da nossa profissão, e seria o maior pedantismo se nos arrojassemos a julgar d'aquellas materias que transcendem as raias de nossos conhecimentos, pois só tomamos principalmente por objecto das nossas indagações o *Appendix* que diz respeito á Historia literaria. Tambem de antemão precavemos ao leitor desapaixonado, e imparcial não ser da nossa intenção deslustrar o merecimento de alguns sabios designados pelo escritor. Seus conhecimentos e escritos honrão a nação; a patria os co-



nhece, e só estranhamos serem incluídos neste numero muitos cujos nomes não merecião ser trasmittidos á posteridade, com a exclusão de outros que tinham direito ao reconhecimento do auctor, se procedesse como devia, e por isso inadmissivel, e sem desculpa o que o mesmo auctor affirma no seu mesmo Appendix, pag. XXIII, e seguinte, onde se poderá ver a sua animozidade, quando ouza affirmar " Que não quer distinguir se-  
 " não alguns sujeitos de merecimento superior áquelle dos outros, que ainda que muito recomendaveis não são com tudo de  
 " igual graduação ... que a sua intenção não  
 " tem por objecto senão a verdade fazendo  
 " justiça ao merecimento, que tem trabalhado para fazer conhecer aos estrangeiros os  
 " thezouros literarios que actualmente possuem os portuguezes, concluindo, que só  
 " o amor proprio, e imaginario de alguns os  
 " fará resentir de não verem figurar seus nomes (a muitos lhes fez honra) a par daquelles que fazem a gloria da nação, a qual o  
 " auctor tomou por empreza fazer conhecer  
 " ao resto da Europa civilizada." A analyse que merecião estas reflexões, a deixamos ao juizo critico do leitor sabio e desapaixonado. Todavia sentimos não podermos, nem ser permittido, fazer um parallello entre o merecimento de uns com o de muitos que fica-



rão esquecidos, não sabemos se por malicia, ou por ignorancia. Porem lendo o *Ensaio Estatistico*, e as minhas observações, conhecerá o leitor qual de nós tem a razão, e a justiça a seu favor. Se honramos a memoria de muitos sabios ha longos annos fallecidos, o escritor nos deu a norma, e o exemplo, lembrando-se de alguns anteriormente fallecidos, no que parece ter tomado por epoca a publicação da Bibliotheca Lusitana do Abba-de Diogo Barboza Machado, no que obrou acertadamente, e nisto o seguimos, e só apontamos os que florescerão depois da publicação della, e os que ainda vivem.

Em summa ver-se-ha no opusculo que publicamos, que a obra do *Ensaio Estatistico* não está em gráo de tanta perfeição como se persuade muita gente, a quem tanto agradão as drogas estrangeiras, quando se mostra que o escritor se aproveitou de muitas, que nos são proprias, e que elle as soube mui bem ageitar a seu modo. Leia-se este opusculo desapassionadamente, e sem prevenção, e de uma vista de olhos se descobrirão no dito *Ensaio Estatistico* erros, e omissões indesculpaveis, e que em o ramo da litteratura não teve parte imparcial, e judicioso discernimento. Neste só artigo mui principalmente (como fica dito) he que nos propuzemos escrever, apontando unicamente em



quanto aos mais algumas couzas de passagem, que ao acazo hiamos descobrindo; e taes são, para que o leitor facilmente as possa advirtir:

*No tomo primeiro.*

DISCURSO PRELIMINAR.

Pag. X. A Estatistica considerada na sua maior estensão he uma sciencia *ainda pouco cultivada em Portugal*; entretanto o auctor deveria admirar-se de que ella o fosse assás, quando entre outras nações, que se reputão mais cultas, era quazi desconhecida. A Corografia do P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa; a Geografia do P.<sup>o</sup> D. Luiz Caetano de Lima; de Antonio d'Oliveira Freire; o Mappa de Portugal do Beneficiado João Baptista de Castro; os trabalhos de Martinho de Mendoça de Pina e Proença sobre o Cadastro geral do Brazil, manuscrito precioso existente na livraria do Real Convento de S. Francisco da cidade; a Corografia Brazilica; as Descrições fysicas e economicas d'algumas comarcas do reino, que concorrerão aos premios offerecidos sobre este objecto á Academia Real das Sciencias de Lisboa; a Descripção economica da comarca de Setubal pelos seus socios Thomaz Antonio de Villa-



nova Portugal, e Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, insertas nas collecções das memorias da Academia; e outras muitas que na mesma collecção se encontram sobre diversos artigos estatísticos; e não menos o excellente Mappa estatístico do Coronel Joaquim Pedro Cardozo Cazado Giraldes: estas e outras obras accusadas pelo auctor do *Ensaio* devião ter-lhe mostrado que não estamos tão atrasados em conhecimentos estatísticos do nosso reino, que para formarmos conceito dos verdadeiros elementos da sua prosperidade, e da maneira porque elles se achão bem ou mal aproveitados, carecessemos (a) de recorrer ás miseraveis viagens e descripções de Portugal de Dumourier; de Chatelet; de Murphy; Carrere; nem mesmo ás de Link, que entre todos os estrangeiros (b), que se

---

(a) Ha muito tempo que estamos persuadidos haver infinitas obras, que não servem senão de augmentar o numero dos livros que se imprimem, e que não tem outra novidade senão em variar os titulos, a ordem, e methodo de outros, donde as copião. Em verdade deve-se considerar como abuzo na republica das letras o publicarem-se obras, que não tem senão os artificios e adornos, que lhes dão seus auctores; e melhor será chamar-lhes fastidiosos, e inuteis compiladores.

(b) A maior parte dos estrangeiros que tem vindo a Portugal, e tem escrito sobre as nossas couzas merecem pouco credito. A nação he ultrajada, e a julgão como abismada na mais crassa ignorancia. Mr. Hautefort he uma das poucas excepções a este respeito na



prezimirão sufficientemente habilitados para darem a conhecer ao mundo o estado politico de Portugal, he o que menos se afasta da verdade, ficando com tudo muito longe della; e de nenhuma sorte ao abrigo da censura dos escritores, que preferem escrever muitas obras a escrever uma obra boa.

Pag. XI. Antonio Pussich foi o primei-

---

sua obra: *Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid*. Portugal, diz Chatelet, até em seus edificios mostra o somno das artes. Link concorda com a sua opinião, e desdenha de quasi tudo quanto viu em Portugal. Lisboa no conceito deste observador não tem um pedaço d'architectura. Mafra, este vasto, rico, e magnifico edificio na opinião de Link não he mais que uma massa informe, que accusa o máo gosto de seu auctor (Elle era estrangeiro). A Estatua equestre do senhor Rei D. José I, monumento precioso, que immortaliza o reinado das artes, e das sciencias; a Estatua deste grande Rei he mediocre, e tem outros defeitos (não lhos achou Murphy, e Hautefort). Revolta o espirito o que temos lido nos escritores estrangeiros a respeito de Portugal; e he o mais subido ponto, aonde pode chegar a sua preocupação, e falta de conhecimentos. Se Portugal não tem um pedaço bom de architectura, e nada tem em si de notavel, para que veio Murphy tirar a planta do convento da Batalha (que he prodigio de architectura); e outros o de Belém; e do famoso aqueducto, vulgarmente chamado das Aguas livres? Talvez não sejamos encarecidos se affirmarmos, que nem os antigos romanos com toda a sua grandeza chegarão a ter neste genero um edificio tão colossal, e admiravel. Temos a satisfação de concordar a este respeito com as ideias do Sr. Balbi, que sem duvida honra mais as artes em Portugal, que nenhum outro estrangeiro!



ro Intendente de Marinha, e depois Governador das ilhas de Caboverde, mas nunca foi Capitão general. Escreveu algumas memorias dignas de apreço.

Pag. XXII. He sem nenhuma razão que o Sr. Balbi deu preferencia aos auctores não portuguezes, no que diz respeito á situação politica de Portugal nos primeiros seculos da monarchia. Presumiria acaso o Sr. Balbi que elles tivessem mais, ou melhores meios de averiguarem a verdade do que os nacionaes (a)? E que consultassem documentos mais authenticos? Que tivessem mais interesse em indaga-los? Ou que fossem mais verdadeiros do que Gomes Eannes d'Azurara; Afonso Cerveira; Fernão Lopes; Rui de Pina, etc.? Sem nos levar o amor da gloria nacional ouzamos affirmar, que será difficultozo achar em nação estranha escritores tão ingenuos, e indagadores, como aquelles, cujos nomes deixamos mencionados.

Pag. XXIX. Pertender que a lingua portugueza se fixasse primeiramente no an-

---

(a) Não faltão escritores estrangeiros, que louvão os nossos bons escritores. O sabio Prevost faz grandes elogios a Fernão Lopes de Castanheda, e a Manoel de Faria e Souza, pela sua exacção, e escrupuloza fidelidade. As Decadas de João de Barros, e de seu continuador Diogo de Couto, quem ignorará a acceitação, e acolhimento que merecerão em todas as nações cultas?



no de 1495, he extravagancia que supponho não lembrou ainda a ninguém. Devemos crer que houve aqui erro da imprensa. Primeiramente a lingua portugueza não pode dizer-se ainda fixada; tudo quanto pode affirmar-se com verdade he que o periodo, em o qual ella recebeu o seu maior e mais notavel aperfeiçoamento, foi em o seculo XVI durante os reinados dos senhores Reis D. João III, e D. Sebastião. Depois da derrota, e perda deste em Africa, não acabou de todo o gosto de bem escrever: ainda durou por algum tempo em alguns dos que vivião; mas logo que estes acabarão, não só declinou, mas quazi de todo se extinguiu; atrazarão-se os conhecimentos literarios, de que este dependia, e corrompeu-se o estylo portuguez, tanto prozaico, como poetico, com a introdução do gosto, e frazeologia hespanhola. He certo que começou a resurgir, e a mostrar uma face mais agradavel nos tempos do senhor Rei D. João IV nos escritos de João Pinto Ribeiro, e de D. Francisco Manoel, ainda que estes escritores não podem ser postos a par dos polidissimos escritos do P.<sup>o</sup> Antonio Vieira, do P.<sup>o</sup> Manoel Bernardes, e de outros poucos contemporaneos destes excellentes escritores; mas longe de tornar ao seu antigo estado de esplendor, e muito menos de fixar-se, passou a ser adulterada pela in-



troducção de milhares de termos, e frases peregrinas, consequencia necessaria da leitura quazi geral e privativa dos livros francezes, e do abandono e injusto desprezo dos nossos bons escritores do seculo XVI.

Manoel de Figueiredo foi um dos que mais contribuiu para a restauração da Poezia portugueza, e que mais honra faz á nação com os seus escritos. O seu Theatro nos manifesta um homem não só conhecedor da lingua em que escrevia: e que mais que nenhum outro soube apropriar á poezia dramatica a metrificacção que lhe convem: mas um filosofo, que conhecia a fundo o coração humano, e que não ignorava as regras do genero da poezia, a que se applicou com especialidade. Tudo quanto nos resta dos Gregos, e de Romanos; e tudo quanto neste genero tinham até o seu tempo produzido de melhor os Francezes, Italianos, Inglezes, e Hespanhoes, era por elle conhecido; e com mui delicada critica entendido. As suas prefacções, ou prologos são o mais authentico testemunho desta verdade, e deverão ser tidos em grande apreço por todos os bons entendedores.

O gosto e linguagem patria pôde restaurar-se no reinado do senhor D. José I de saudosa memoria, com a restauração das letras, e reforma dos bons estudos, que se deve ao



seu zelo. Esta glorioza empresa foi em muita parte devida aos trabalhos da Arcadia Luzitana. Garção; Quita; Diniz; Torres; Gomes de Carvalho; o P.<sup>o</sup> Francisco José Freire, e outros; conferindo entre si, reflectindo, estudando, combinando, e compondo; sugereitando-se reciprocamente uns com a censura de outros, poderão conseguir em pouco tempo o que aliás somente poderia ser obra de muitos annos. O estudo serio dos poetas gregos, e latinos, e ainda dos italianos, tornou a espalhar entre nós as sementes do bom gosto, e a reconhecer na riqueza das fontes primitivas a mais pura abundancia, e riqueza da linguagem portugueza, e a necessidade de regeitar os termos, e elocução peregrina, que inadvertidamente tinhão adulterado o nosso aliás bellissimo idioma. Forão estes verdadeiros restauradores da poezia seguidos e imitados com brioso empenho por Mattos; Tolentino; Bazilio; Monteiro; Dias Gomes; Francisco Manoel; Claudio, e outros; mas a leitura dos escritores francezes do seculo de Luiz XIV, e Luiz XV, não só anteposta á dos nossos bons escritores (o que em outro lugar, e a este mesmo respeito nota mui judiciozamente o Sr. Balbi), fez regeitar esta quazi absolutamente, continuando a desprezarem em grande parte a nossa linguagem, obstou que o bom gosto da poezia, e a pu



reza da locução poetica se sustentassem, cahindo da sua pureza e magestade.

O empolado Bocage, ainda que dotado de fogo de imaginação, e seus affectados e incorrectos imitadores levantarão o colo, e infelizmente prevalecerão sobre os nossos bons poetas do seculo XVIII: o máu gosto se deramou, e o Parnazo portuguez (com algumas excepções) em lugar de mimosas flores só produziu espinhos. A poezia tornou a decahir; e a mocidade studioza tem actualmente que lutar contra a torrente de ôcos, e importunos versejadores desta triste escola.

Todavia Bocage teve grande facilidade em versificar; porem todo o homem imparcial deve confessar, que elle mais que nenhum outro poeta concorreu para depravar o gosto da nossa Poezia, e a pureza da dicção. O seu exemplo influiu grandemente sobre a maior parte dos nossos versificadores; mas houve alguns, que não seguirão o seu exemplo. Um dos mais assignalados, e que merece que delle façamos honorifica memoria foi o P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Souza Caldas, genio verdadeiramente raro: escreveu, e deixou por sua morte diversas composições poeticas, que não são inferiores não só ás dos melhores poetas portuguezes; mas nem mesmo ás de muitos poetas das nações estranhas. As suas poezias forão impressas em Paris no



anno de 1820, em dois tomos de oitavo. Apontaremos para exemplo a sua Ode ao homem natural; a Cantata de Pigmalião: e entre as poezias sacras a Ode sexta: bem que podera apontar indistinctamente todas as suas composições, sem receio de as por em parallelo com outras quaesquer de semelhante genero, apezar de que lhe não desse a ultima mão, antes as julgasse imperfeitas; e para não condemna-las ao fogo forão precisas todas as diligencias de um respeitavel ecclesiastico, e outro amigo seu; e por isso se devem desculpar algumas imperfeições, que se encontrem nestas composições.

Não se deixarão contaminar do máu gosto de Bocage, Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão, e seu irmão Antonio Gomes da Silveira Malhão: nem o Visconde de S. Lourenço Francisco Bento Maria Targini, cujas traducções do Ensaio sobre o Homem de Alexandre Pope, e do Paraizo Perdido de Milton, tanto honrão a literatura portugueza. Tambem se não deixou arrastar do máu gosto de Bocage em suas Poezias lyricas o illustre Francisco de Borja Garção Stockler, Barão da Villa da Praia; he certo que estas Poezias são escritas em linguagem portugueza limpa, e pura. O mesmo se deve entender de Miguel Antonio de Barros, auctor de tres metamorfozes, e de algumas ou-



tras poezias, que ha poucos annos deu á luz: e não menos de Belchior Manoel Curvo Semedo (Belmiro Transtagano), cujas obras correm impressas ha mais tempo. Merece não ser confundido na turba dos imitadores de Bocage o P.<sup>o</sup> José Agostinho de Macedo, seu contemporaneo, tomando-se em vista os seus grandes poemas intitutados = Newton e a = Meditação = mais alguns outros poderíamos ajuntar a estes, de cujas obras estou persuadido que os criticos ainda algum dia hão de fazer honroza memoria, quando tratando da Poezia portugueza as compararem com a turba dos versificadores dos nossos dias.

Na proza ainda a linguagem portugueza se acha mais atrasada, e mais longe da perfeição, de que he capaz. Seria muito para dezejar que se imprimissem algumas obras manuscritas, que temos visto, cujos auctores não se tem deixado corromper pela torrente de tantos gallicismos, que em verdade tem afeiado a nossa bella, e pura linguagem.

Apezar de não termos a honra de pertencer ao illustre corpo da Real Academia das Sciencias de Lisboa, sabemos que existem elogios historicos de alguns dos fallecidos socios da mesma Academia, escritos pelo Abbade José Correa da Serra, que a morte ha pouco roubou ás sciencias, e á patria;



do illustre Francisco de Borja Garção Stockler, Barão da Villa da Praia. Aquelles elogios (segundo me affirma um distincto membro da mesma Academia) são mui dignos de toda a estimação. Tambem as prefações escritas pelo mesmo Abbade Correa, que se conservão na collecção dos ineditos da historia portugueza, e nas obras de Pedro de Andrada Caminha, serão talvez o que modernamente possuimos de mais bem escrito em proza. Não duvidando do respeitavel testemunho deste sabio academico, e da reputação e merecimento que entre nós se conservou das prendas e fino gosto do illustre Abbade Correa, accrescentariamos ser de muito merecimento na pureza de locução a prefação do primeiro tomo do Diccionario Portuguez publicado pela Academia. — Affoutamente ouzamos affirmar, que este he um monumento perduravel que o sabio professor de Rhetorica Pedro José da Fonseca nos deixou do seu largo conhecimento, e profundo estudo da nossa lingua materna: assim como algumas memorias e elogios publicados pela mesma Academia; e não menos serem dignos de apreço alguns outros escritos, como a Vida de Fr. Bernardo de Brito, por D. Antonio da Vezitação Freire, algumas obras do P.<sup>o</sup> Theodoro d'Almeida; e todos os escritos do Bispo Inquizidor geral, D. José Maria de



Mello, principalmente a Vida da M.<sup>o</sup> Marianna Jozefa, religioza carmellita descalça do convento de Carnide (a).

Não devem ser tidos em menos conta os escritos de Pedro José de Figueiredo, socio que foi da mesma Academia, cuja modestia não consentiu accuzar o seu nome. Deve contar-se tambem entre os cultores da lingua portugueza a José Caetano de Mesquita e Quadros, Prior de S. Lourenço, Conego da Basilica de Santa Maria Maior, e primeiro Reitor do Real Collegio do Patriár-

---

(a) Ainda que o sabio escritor que teceu o elogio historico do Bispo Inquizidor geral D. José Maria de Mello, inserido no tomo VI da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o não considere, nem o designe como escritor; todavia dá o mais claro testemunho do quanto se extremou na leitura, e applicação dos nossos classicos. « Aos escritos portuguezes (refere a pag. LXXVI) deu muito especial applicação, e conhecia distinctamente as nossas riquezas; « que na verdade são maiores de que ordinariamente se « prezume. . . . Devia proceder do trato mui attento, e « frequente destes insignes classicos, e de outros em pro- « za igualmente insignes, e precedeu um vasto, e pro- « fundo conhecimento da nossa lingua, que tinha em « grande e bem fundada conta, e que fallava e escrevia « com pureza nos nossos tempos rara, e com perfeita, « mas desaffectedada propriedade. » Assás nos honramos de produzir tão qualificado testemunho por ser de quem occupa um lugar mui distincto em a nossa boa, e entendida literatura, unida ás virtudes, que o fizeram subir não só ás maiores dignidades na ordem, e jerarchia ecclesiastica, mas ainda na do Estado.



chado na villa de Santarem, do qual nos restão diversas obras originaes, e traducções, as quaes nos attestão o seu saber, e o seu conhecimento da lingua portugueza: a José Dias Pereira, presbytero secular, que falleceu sendo reitor do Collegio Real de Nobres. A traducção da Arte magica aniquilada do Marquez Francisco Scipião Maffeo, impressa em Lisboa na officina de Simão Thaddeo Ferreira no anno de 1783; e da Deseza de Cecilia Faragó, tambem impressa em Lisboa na officina de Manoel Coelho Amado, no anno de 1775, são obras suas. Andão impressas algumas poezias, que recitou na Arcadia. Da mesma sorte o outro presbytero illustre Thomaz José d'Aquino, editor das obras do grande Luiz de Camões. Não deve ficar em silencio o merecimento do poeta lirico Francisco Dias Gomes, o que reservamos para outro lugar.

Temos lido outras obras que pela pureza de linguagem, e culto estylo assás nos agradarão. Estes, e outros semelhantes escritos são os unicos germes de quem se poderá desenvolver a necessaria regeneração da locução prozaica.



*Geographia antiga e historica.*

Pag. 4. Na baixa de Marvão junto ao valle da Escuza achão-se vestígios d'uma cidade romana, que provavelmente será a mesma aqui denominada Medobriga; porem o nome, que de suas ruinas se deprehende, he o de Aramenha, ou Maia, pois que d'um e outro modo parecem denomina-la. He com tudo incrível que estes dois nomes pertencião a duas diversas provincias não distinctas, cujas reliquias, segundo nossa lembrança, o insigne carmelita Bispo de Portalegre D. Fr. Amador Arraes, he de opinião que Portalegre he a cidade, ou povoação que no tempo dos romanos se denominava Maia; pelo menos assim o inculca uma lapide, que hoje existe na caza da camara; e uma tradição constante affirma que a dita lapide fora para ali transportada de Aramenha. He sem duvida que o portão da entrada principal da praça de Castello de vide foi transportado para ahi do dito, aonde existe a cidade, e he um pedaço d'architectura antiga, e digna de apreço. Sei que existem algumas inscrições sepulcraes; e os amadores da respeitavel antiguidade tem extrahido copias fieis. Tam-



bem no mesmo terreno se tem encontrado muitas moedas romanas, e em nosso estudo conservamos algumas, achadas no mesmo sitio, mas todas são do baixo imperio.

Pag. 11. A senhora D. Tereza, mulher do Conde D. Henrique, he no *Ensaio* designada pelo nome de Condessa; mas esta denominação deixa motivo de suspeitar que o auctor ignora que naquelle tempo todas as filhas de Rei se denominavão Rainhas, e que ainda depois de cazadas assim erão tratadas. Os nossos historiadores o asseverão, e não devemos omittir a este respeito a auctoridade de um varão insigne, tão versado nas sciencias ecclesiasticas, como na literatura nacional, o P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, o qual tratando da senhora D. Tereza, ou Tareja (conforme o uzo d'aquelle tempo), em a Dissertação XIII modernamente inserida no tomo IX da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a pag. 290, diz o seguinte: "Quanto ao titulo de Rainha dado que me parecia de re-  
"gra se não attribuisse senão ás filhas dos  
"Reis legitimos, devião com tudo advertir  
"Fr. Antonio Brandão, e D. José Barboza,  
"que a respeito da nossa D. Tareja havia  
"razão especial para que sendo bastarda a  
"chamassem Rainha."

Pag. 13. O infante D. Fernando, que



morreu em Fez, como refens da entrega de Ceuta, não era filho d'ElRei D. Duarte, mas sim seu irmão. Quem não percebe esta falta? Descuidos deste genero mostram que o auctor escreveu muito á pressa.

Pag. 14. O descobrimento de Cabo-verde por Diniz Fernandes teve lugar no anno de 1443, segundo affirmão Luiz de Cadamosto, e Damião de Goes; em o anno de 1445 conforme se lê em João de Barros, talvez confundindo o descobrimento de Cabo-verde com o das ilhas, que no dito anno de 1445 forão descobertas pelo mesmo Luiz de Cadamosto, e Antonio de Noli. Não sei aonde o Sr. Balbi foi buscar a noticia de que o descobrimento de Cabo-verde fora no anno de 1447.... Será erro da imprensa? Mas será também da imprensa a asseveração de que Cadamosto descobrira o archipelago de Cabo-verde nos annos de 1445, e 1446, quando o proprio Cadamosto diz que fora no anno de 1445? Não saberia Cadamosto em que anno foi este descobrimento.

Pag. 31. He preciso não formar ideia do que seja uma colonia, para asseverar, como aqui faz o escritor, que pela auzencia, ou retirada de Sua Magestade o senhor D. João VI para o Brazil, ficou Portugal reduzido á condição de colonia. Neste cazo todas as provincias de um reino são colonias, á excepção

d'aquella, em que rezide a corte. Que bem parece acertado que o auctor do *Ensaio* nos vá adiantando em conhecimentos! Já ficamos sabendo que a Bohemia, a Hungria, e a Lombardia são colonias da Austria; e que Escocia, e Irlanda são colonias da Inglaterra. Quanto devemos ás luzes estrangeiras!



*Tomo II.*

*Lingua portugueza.*

Pag. 26. Chegamos a um ponto, em que o leitor nos dará licença de estender por um pouco as nossas queixas. Não podemos soffrer de bom animo a injustiça, e azedume, com que trata a nação portugueza. Chama-lhe lizongeira, e diz: "Os portuguezes envergonhados de não terem podido conservar a sua independencia (e quem o poderá fazer contra o direito da força?) tiverão em me- nos conta o nome portuguez, não quizerão mais escrever na lingua em que tinham cantado suas virtudes, e de seus antepassados, e somente procurarão agradar a seus senhores."

Etá com effeito levada ao mais subido ponto de exageração a sua injusta, e mal fun-



dada accusação. Mas tudo procede da falta de conhecimentos da historia d'aquelles tempos, e de estar pouco ao alcance do brio, e character dos verdadeiros portuguezes, em cujos honrados peitos nunca coube o aviltamento, e sugeição ao jugo estrangeiro, e que assim como são por indole propria leaes, assim sentem em grande extremo haver alguem, que ponha em duvida, ou queira notar-lhes sua fidelidade. Quantos portuguezes não morrerão em as mais escuras masmorras só por não quererem dobrar o joelho na presença d'um rei intruzo? Quantos não forão sacrificados á politica, e ambição? Forão estreitas as prizões da torre de S. Julião da Barra atalhadas de victimas fieis, e generosas. Na torre de S. Vicente de Belem houve portuguezes tão illustres, como fieis a seus naturaes senhores, em cujos corações nunca se apagou o amor da patria. Taes houve que deixarão em testamento a seus filhos: *que nem uma só pedra mandassem levantar de seus predios em quanto neste reino durassem a dominação, e jugo estrangeiro.* Houve portuguez, e um delles foi Fr. Heitor Pinto, monje de S. Jeronymo, lente de Escritura da Universidade, respeitavel pelas suas letras, e versadissimo nas linguas orientaes, prezo na vespéra do Natal de 1587, juntamente com Fr. Simão de Portugal, da ordem da Trindade,

que era filho do Conde de Vimiozo; e Fr. Luiz Soares da mesma ordem da Trindade, por ser irmão do governador de Cabo-verde, por não fallarmos de outros muitos, que foram em grande numero; e para que se possa considerar qual era a constancia, e firme valor, com que ostentavão sua lealdade, basta saber quanto ao primeiro destes Fr. Heitor Pinto, que Philippe o Prudente quando veio para este reino o levou em sua companhia para a corte de Madrid a titulo de seu conselheiro; porem vendo o monarcha a impossibilidade de atrahi-lo ao seu partido, o fez exterminar para fora da corte, acabando sua glorioza carreira; não sem suspeita de veneno. A carta que o senhor D. Antonio, Prior do Crato, escreveu ao Papa Gregorio XIII assim o attesta. E os outros que sendo tambem levados para Hespanha a titulo de honorificos empregos denodadamente os engeitarão. *Podem* (dizião alguns), *podem metter-nos em Castella, mas metterem Castella em nós isso he impossivel.* Por onde disse com razão um moderno, que sempre amou mais um portuguez a fidelidade, que a fortuna.

Sendo taes os portuguezes por seu character, como se poderá acreditar que desprezando o proprio idioma tomassem por lizonja escrever em castelhano? Esta asserção



do Sr. Balbi he absolutamente falsa, e muito affrontoza á nação portugueza; e ninguem que for verdadeiramente animado de sentimentos portuguezes a poderá soffrer de bom grado.

O uzo de escrever na lingua castelhana já era recebido, e frequentado em Portugal muito antes da usurpação de Castella. Encontrão-se poezias castelhanas em Francisco de Sá de Miranda; Luiz de Camões; Vasco Mousinho de Guebedo e Castello branco; Diogo Bernardes; Pedro d'Andrada Caminha, e outros, afora o vernáculo Ferreira,

*Que dando á patria tantos versos raros  
Um só nunca lhe deu em lingua alheia;*

como d'elle disse, lamentando a sua morte, Diogo Bernardes. Por onde com justa cauza se pode vangloriar dizendo na primeira Ode:

*Ah Ferreira dirão da lingua amigo.*

E na edição dos seus versos aos bons engenhos:

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ameí, e a minha gente.*

E se alguns houve que logo no começo da sugeição castelhana publicarão compo-

zições poeticas naquelle idioma, como Luiz Franco; Simão Machado; Francisco Rodrigues Lobo; Manoel de Campos; Gaspar dos Reis; Francisco de Matos, e outros, como succedeu nas publicas festividades do recebimento das reliquias na igreja de S. Roque em o anno de 1588; e nas de Santa Cruz de Coimbra em o anno de 1596, insertas nas suas collecções, não se pode sem temeridade affirmar que fora isto lizonja aos hespanhoes, como temerariamente diz o Sr. Balbi; mais se deve attribuir á ostentação do conhecimento daquella, e de outras linguas, em que tambem então se publicarão muitas outras poezias.

Como entre tantos ajudadores, que o Sr. Balbi consultou para a sua obra, não houve um só que por caridade lhe fizesse lembrar (para poupar aos portuguezes esta sua calumnioza accuzação), que nas grandiozas festas do senhor Rei D. João II por occazião do casamento do Principe D. Affonso seu filho, todas as composições de motes, e letras, que então se fizerão, forão na lingua castelhana, e se achão na Vida daquelle Rei, por Garcia de Rezende, no capitulo 128; e era isto já obzequio, e baixa lizonja dos portuguezes cem annos antes? Isto que então se praticava era pela grande estimação, que fazião da mesma lingua castelhana, já na-



quelles tempos mui acreditada entre as outras, e elevada a grande perfeição pelas boas composições de muitos escritores, que já tinham. E saiba tambem que o mesmo que então faziamos, sem obzequio e baixa lizonja, a elles castelhanos, e só pela estima da sua lingua, que toda a nação polida se prezava de saber, tinham elles já feito antes a respeito da nossa portugueza, e quando ainda então estava inculta. Boa testemunha he disto Argote de Molina no Livro II *De la nobreza de Andaluzia*, allegando umas coplas portuguezas de um certo Macias, castelhano, disse: "Si alguno le parecer que Macias era portugues, estê advirtido, que hasta los tiempos del Rey D. Enrique III todas las coplas que se hazian, cõmumente por la mayor parte eran en aquella lengua." Por maneira que assim como em Italia era a lingua provençal preferida para as composições poeticas entre as outras, ainda pelos que não erãõ provençaes, como escreveu Pedro Bembo nas suas prozas; assim era entre os poetas castelhanos escolhida como mais propria a portugueza, por lhe acharem genio e caracter especial para a locução poetica.

He certo que naquella mesma epoca da sugeição castelhana se introduziu a representação de peças no gosto e lingua tambem castelhana no theatro de Lisboa; mas quem

não sabe quanto então estavam em estima, e erão applaudidos pelas mais nações os dramas castelhanos? E poderá attribuir-se isto a lizonja vil, e criminoza nos portuguezes? Estou persuadido que o Sr. Balbi não reputará lizonja á sua nação, a representação italiana em Lisboa, Vienna d'Austria, Paris, Dresden etc.

Manoel de Faria e Souza foi o que mais se fez singular por escrever em castelhano; e o mesmo praticarão os meus patricios Rodrigo Mendes da Silva, e Miguel da Silveira. Em quanto ao primeiro era elle homem de grande saber; mas tão famigerado pelo seu engenho não vulgar, como pelo máo gosto; e naquelle idioma alguns dos seus escritos mais lhe servirão de oprobrio, do que de honra. Era inimigo sabido dos castelhanos, se escreveu na sua lingua certamente o fez, em parte por considerar, e estar intimamente persuadido de que era mais conhecida na Europa, e de mais pompa para satisfazer ao seu capricho e inclinação, por gostar de chistes, e agudezas, de que encontrava nella grande cabedal, e em parte por grangear por aquelle meio ser mais lido, e mais universalmente celebrado de toda a sorte de gente assim doutos como idiotas. Pelo que pertence a Rodrigo Mendes da Silva, não he de admiração, pois occupava na corte de Ma-



drid com os mais altos empregos o de Chronista geral daquella nação. O mesmo se deve entender a respeito de Miguel da Silveira, como largamente expendemos no Compendio historico, que publicamos, da villa de Celorico da Beira, patria nossa.

E por mais abonar o que dizemos, convem que se note que muitos escritores da primeira ordem classicos da lingua portugueza desmentem a asserção do Sr. Balbi, pois sendo os que mais parecião escrever em castelhano por dedicarem as suas obras aos Filippes, as escreverão em lingua portugueza; e taes forão dos que agora me posso recordar: Duarte Nunes de Leão, na sua Orthografia; Fr. Bernardo de Brito, na Monarchia Luzitana; João Baptista Lavanha, que succedeu a este no cargo de Cosmografo, e Chronista, e foi mestre de Filippe III, e ainda mais escrevendo muitas couzas por ordem do mesmo Rei; Diogo de Couto, nas Decadas da Azia Portugueza, e escrevendo tambem por mandado dos mesmos Filippes, como affirmou no livro 8 da decada 7, capitulo 2, e o confirmou por cartas suas delles impressas nos principios das ditas Decadas; Francisco d'Andrada, na Chronica del Rei D. João III; Fr. Luiz de Souza, na Historia de S. Domingos; Fr. Antonio Brandão, na terceira e quarta parte da Monarchia Luzitana; Fran-

cisco de Sá de Menezes, em sua Malaca Conquistada; e Gabriel Pereira de Castro, na Ulyssea ou Lisboa edificada: e nisto se conformavão com o que estabeleceu o Rei D. Filippe I quando pelo direito das armas entrou na successão da coroa deste reino, offerecendo e concedendo nas cortes de Thomar que se escrevessem na lingua portugueza todas as couzas pertencentes ao governo publico, como diz Manoel Severim de Faria, no segundo de seus Discursos varios. E se Alvaro Ferreira de Vera, e Antonio de Souza de Macedo publicarão algumas obras em lingua castelhana, o motivo foi sem adulação o mesmo que acima disse de Manoel de Faria e Souza, e bem o declarou no prologo do livro intitulado *Flores de España, Excelencias de Portugal* o sobredito Antonio de Souza de Macedo, dizendo: "Escrivo en la castellana . . . he usado desta por mas universal." E no capitulo 22 torna outra vez a dizer: "Me ha parecido mejor medio hazerlo en lengua castellana, que acertó ser mas conocida en Europa." E muitos escritos deixarão tambem elles em portuguez, dignos de grandes louvores, com que se honrarão a si, e á nação. Quanto ao facto, que o auctor allega de Filippe II reprehender o portuguez que lhe fallou em castelhano no discurso que lhe dirigia, não ficamos por fia-



dor. E ainda que assim acontecesse, e o portuguez cahisse nessa indiscricção, era peccado original que comprehendesse toda a nação? A penna vai escorregando, e parece a não podemos suster: a tanto nos leva o amor da patria; continuemos em desafronta-la de tantas outras imputações, reforçando com as mais evidentes provas o que no *Ensaio* se lê sem conhecimento de cauza de seu auctor, ou de quem para isso concorreu.

Pag. 86. He mui estranha a noticia que nos dá aqui o Sr. Balbi acerca das preciosas Biblias do real mosteiro de Belem, transcreveremos as suas mesmas palavras: "On y  
 "trouve une superbe Bible manuscrite, dont  
 "le pape Jules II fit présent au roi Emmanuel, en reconnaissance du premier or des  
 "Indes que ce monarque lui avait envoyé  
 "(a). Ce manuscrit, dont les miniatures qui  
 "l'embellissent passaient dans l'opinion des  
 "connaisseurs portugais pour etre de Jules  
 "Romain, ayant été examiné par les plus

---

(a). Em obsequio da verdade podemos certificar que muito se empenharão os monges daquelle real mosteiro em reclamar as Biblias, ainda no tempo de Junot logo depois da batalha do Vimeiro. Este general chegou a affirmar não só por palavra, mas debaixo de juramento (uma e outra couza lhe seria facil) de ter sido mandado pelo seu Napoleão, e que para elle as levava; mas por morte deste general se acharão no seu espolio. O Rei Christiannissimo Luiz XVIII as mandou com-

"habiles peintres membres de l'Institut de  
 "France, a été reconnu appartenir a un sie-  
 "cle anterieure á celui de Raphael, et mêm-  
 "me á celui de Pietro Perugino." Tres cou-  
 zas affirma o auctor neste lugar, não só fal-  
 sas, mas contradictorias, como facilmente  
 poderá o nosso leitor observar; por onde foi  
 muito mal informado, e oxalá o fosse só nes-  
 te artigo! Vamos a patentea-las, para virmos  
 no conhecimento da verdade. Diz no primei-  
 ro lugar que estas Biblias serão mandadas pe-  
 lo Papa Julio II. Este erro claramente se des-  
 vanece com o que affirma no segundo lugar  
 de terem sido mandadas em recompensa, ou  
 agradecimento do outro presente do primei-  
 ro ouro da India que aquelle monarcha man-  
 dara. Damião de Goes na Chronica do senhor  
 Rei D. Manoel, parte III, capitulo 55, diz  
 assim: "No fim do anno passado de 1513  
 "ordenou elRei que fosse a Roma por em-  
 "baixador Tristão da Cunha para dar obe-  
 "diencia ao Papa Leão X, a quem como

---

prar, e dellas fez presente ao senhor Rei D. João VI,  
 o qual se dignou restitui-las ao mesmo real mosteiro, a  
 quem o senhor Rei D. Manoel as havia mandado guar-  
 dar em deposito. Não só o Marquez de Marialva D.  
 Pedro José Joaquim Vito de Menezes, e o Commen-  
 dador Francisco José Maria de Brito concorrerão para  
 serem revendicadas; mas também muito se deverão ás  
 boas diligencias, e extremos cuidados de Timotheo  
 Lecussan Verdier, que tanto para isto contribuiu.



por primicias das navegações da India mandou por elle um presente etc." E no capitulo 56 continua dizendo: "Ordenou o Papa que a segunda feira 20 do mesmo mez de Março (isto he já no anno de 1514, pois tinha partido de Lisboa por mar em o mez de Janeiro) lhe viessem os embaixadores falar, no qual se forão ao paço com os charamellas, e trombetas, e o rei d'armas diante com sua cola, acompanhados das familias dos cardiaes, onde os o Papa recebeu na primeira salla em um estrado alto com os cardiaes ao redor etc." E proseguindo com a descripção desta embaixada, remata com estas palavras: "Isto tudo passou no segundo anno do pontificado deste Papa Leão X, e as bulas forão expedidas a 29 dias d'Abril deste anno de 1514." Nisto tudo convem o Bacharel Christovão Rodrigues Azinheiro nas chronicas dos senhores Reis de Portugal insertas no tomo V de Ineditos de Historia Portugueza, publicados pela Academia Real das Sciencias, a paginas 136, e 137; o Bispo D. Jeronymo Ozorio de *Rebus Emmanuelis* livro IX; e Maffei *Hist. Indic.* livro V. Ora sendo esta embaixada do senhor Rei D. Manoel ao Papa Leão X em 1514, e tendo morrido Julio II em 1513 no mez de Fevereiro, como sem notavel contradicção se atreveu o auctor a escrever, que fo-

rão as Biblias mandadas pelo Papa Julio II em recompensa do primeiro ouro da India que elRei D. Manoel lhe enviara? He este erro na verdade bem grosseiro, e sem desculpa, em que deve agradecer os bons serviços que lhe fizeram tantos sugeitos desta corte que contribuirão para seu trabalho com taes informações. A terceira affirmativa he tão bem fundada como as duas primeiras, diz, que se achão em gravissimo engano os nossos portuguezes, e se mostram pouco conhecedores em attribuirem as miniaturas, e illuminações da dita Biblia a Julio Romano; pois (assegura o Sr. Balbi) a juizo dos mais habéis pintores membros do Instituto de França devem ser consideradas de um seculo anterior a Rafael, e Pedro Perugino. Muito nos custa a crer que tal dissessem os membros do Instituto, a quem temos em mui grande reputação. Se esta decizão procedeu do exame feito á vista das mesmas Biblias, como diz o auctor, as miniaturas que esmaltão, e enriquecem aquelles admiraveis monumentos, como tambem nós attentamente examinamos na maior parte dos sete tomos, tem com as armas reaes portuguezas a esfera, gloriozo timbre, e particular de que uzou o senhor Rei D. Manoel, alem da letra *Rex Emmanuel*, que se acha exarada mui clara e distinctamente; o que tudo está annunciando



er sido feito no reinado daquelle monarcha, que começou em 26 d'Outubro de 1495. O P.<sup>o</sup> D. Antonio Caetano de Souza, fazendo memoria dellas no tomo III da sua *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, livro 1.<sup>o</sup>, paginas 198, escreveu por este modo: Estas Biblias entendemos serem as obras de Nicoláo de Lyra, que em sete volumes se conservão na livraria desta real caza, que erão enquadernadas em veludo com chapas de prata esmaltadas com as armas reaes; e porque o tempo gastou as enquadernações, ha poucos annos lhas puzerão de marroquins enquadernados com as mesmas chapas. A obra he admiravel, escrita excellentemente, com prodigiozas illuminações, onde se veem diversas figuras delRei com alluzões differentes: forão escritos por Sigismundo de Sigismundis, Ferrariense, no anno de 1495, aos quaes deu fim a 11 de Dezembro na cidade de Florença (a)."

---

(a) Respeitando muito a auctoridade do P.<sup>o</sup> D. Antonio Caetano de Souza, todavia não estamos de accordo com a sua asserção, e menos pode ser admittida em boa critica; porque se a Biblia fosse acabada em 11 de Dezembro de 1495, apenas tinham decorrido quarenta e seis dias depois de subir ao throno o senhor Rei D. Manoel, e poucos dias antes se teria sabido em Roma, sendo impossivel que em tão curto espaço se completasse, ou menos se intentasse fazer obra tão primorosa, de um trabalho immenso, que demandava largo tempo; e

A conclusão he facil de tirar. Se esta Biblia foi começada, mas não acabada em 1495 (como mostramos em a nota acima indicada), que he o primeiro do reinado do senhor D. Manoel, e as miniaturas com alluzões e nome são deste mesmo monarcha, como se po-

muito menos poderia já ter exarada a letra *Rex Emmanuel*. O que prova a notavel equivocação do P.<sup>o</sup> Souza foi o miudo exame a que procedemos na presença do P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. Manoel do Bom Jesus Costa, Bibliothecario do Real mosteiro de Belem, examinando os sete tomos em que a mesma Biblia está dividida; e bastante fundamento temos para prezumir que não só o P.<sup>o</sup> Souza, mas ainda muitos curiozos só se occuparão em ver o primeiro tomo, inferindo por elle que todos os outros forão acabados no mesmo anno, e escritos pelo mesmo homem. O primeiro não padece duvida ser acabado no anno de 1495 por Sigismundo de Sigismundis, Ferrariense. Mas já o segundo apezar de ser no mesmo anno, foi escriturado por Alexandre Verzanus. O terceiro accuza o anno de 1496, e não declara o nome de quem o escreveu. O quarto, quinto, e sexto não tem declaração alguma. O setimo só declara o anno de 1497 em que foi acabado. Donde vimos a concluir que a Biblia não estava toda acabada no anno de 1495, como atégora se tem dito, mas só os primeiros dois tomos; e que não foi só Sigismundo de Sigismundis quem poz a mão na fabrica e composição de tão admiravel obra, como se deprehende do que temos ponderado; e que houve mais collaboradores. Em suma o que temos mostrado ao auctor do *Ensaio*, e o que ratificamos nesta nota (e he o nosso principal objecto) he que Julio II não foi quem mandou a Biblia ao senhor Rei D. Manoel, mas sim Leão X; e que as miniaturas, emblemas, e alluzões dirigidas a este Rei, e de que está enriquecida forão feitas no reinado deste monarcha, e não



e compadecer serem feitas um seculo anterior? Só se quizer suppor que um seculo anterior se advinhava que havia de occupar o throno portuguez o senhor Rei D. Mañuel, quem, sem o sonhar, chamou á successão falta de tantos ascendentes, a morte desas-

um seculo anterior a Pedro Perugino, e Rafael de Urbino, como o auctor erradamente assevera. Quanto aos emblemas, e alluzões de que uzou este venturozo monarcha, com a letra *Rex Emmanuel* exarada nas diferentes illuminações da Biblia, o que suppomos he, que sendo ella, como foi, presente do Papa Leão X (o que temos provado contra a asserção do auctor do *Ensaio*) ao senhor Rei D. Manoel, em recompensa do que d'elle havia recebido no anno de 1514, tempo em que já tinham decorrido quazi dezeseite annos depois de toda ella acabada, determinado o Papa a presentear tão grandiozo Rei, e por mais o lizongear, os mandaria sobrepor nas largas margens deste preciozo monumento, o que seria mui facil de fazer até por existir talvez o mesmo artista que as illuminou. Assás nos temos affadigado para descobrir quem foi o illuminador, ou illuminadores de tão portentosa obra, mas não foi possivel atinar o caminho que ao menos nos podemos descobrir nem ainda a mais escassa noticia. O P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. Manoel do Bom Jesus Costa nos afiança existir na bibliotheca do real mosteiro de Belem um manuscrito que declara ser o illuminador Adamanto Florentino; não tardamos em folhear os tres tomos que publicou Vasari, e que tratão dos artistas florentinos que florecerão desde o meado do XIII seculo, até o anno de 1567, e não aparece o nome de Adamanto Florentino; talvez os continuadores da obra de Vasari fação memoria deste benemerito artista, o que não podemos indagar pela falta das obras destes escriptores.

trada do Principe herdeiro, e a disposição testamentaria do senhor Rei D. João II. E que conhecedor portuguez disse atégora que as miniaturas erão de Julio Romano? He para admirar que se tenham por tão ignorantes os portuguezes, ou que repute o auctor tão credulos os seus leitores, que se capacitem que houve algum portuguez fautor desta opinião! Ninguem, que eu saiba, certamente o disse. E como se havia de dar por auctor d'uma obra, que se dizia acabada em 1495, a Julio Romano, que tendo nascido em 1492, se achava ainda no berço? Todo o mundo conhece ali a escola de Pedro Perugino, que foi mestre do immortal Rafael de Urbino. O typo, o desenho, o colorido, tudo tem a mesma identidade, tudo tem o mesmo cunho daquelle insigne pintor da escola florentina, que nasceu em 1446, e morreu em 1524, tres annos ainda depois da morte do senhor Rei D. Manoel. E não sei com qual dos nossos artistas possa abonar a contraria asserção; antes um dos nossos mais perfeitos conhecedores, qual foi Cyrilo Volkmar Machado, fallando do tempo do reinado do senhor D. Manoel na Collecção das memorias relativas ás vidas dos pintores, gravadores, e architectos, a paginas 18, diz o seguinte: "Por aquelles tempos se illuminarão na Italia uns *livros* que elRei D. Manoel deu aos Padres



de Belem." Taes são os argumentos que temos produzido a favor da nossa opinião, e que ás luzes de toda a evidencia mostram o contrario do que o Sr. Balbi assevera.

Pag. 96. Entre a collecção de medalhas mais importantes, e consideraveis, incluye as de Couto, e de Francisco Rodrigues Batalha. Nenhum destes dois curiozos possuiu nunca medalhas que mereção consideração, e que possam equilibrar-se com as do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. João de Magalhães e Avelar, Bispo do Porto; do Conselheiro Francisco José de Horta Machado; do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Santarem; e de outros gabinetes apontados pelo auctor. Tanto Couto, como o Batalha nunca se destinárão a semelhante arranjo, e estudo. Compravão algumas que o acazo lhes deparava. Nós as examinamos. A Estatistica-historico-geografica do Coronel Joaquim Pedro Cardozo Carrazado Giraldes he a este respeito, e de outros ramos muito mais exacto do que o Sr. Balbi. He tambem sem fundamento a asseveração de possuirem os monges beneditinos desta corte gabinete de medalhas; mui de proposito o fomos saber: indagações que me parecem indispensaveis a quem não dezeja escrever á tóa.

Pag. 172. A igreja de Santo Antonio não parece aos olhos dos bons architectos tão

famoza como o auctor inculca. Elle mesmo quando trata dos pintores portuguezes louva como architecto (e com razão) a Cyrilo Volkmar Machado; pois este mesmo architecto fallando da real capella de Santo Antonio, diz a pag. 199 da sua collecção de memorias o seguinte: " Não podem ás vezes os artistas  
 " fazer o que entendem, porque os donos das  
 " obras não querem despende; mas naquella (falla da mesma igreja) não podia allegar-se essa desculpa; e não se pode entender a razão porque tendo Mattheus Vicente carregado de ornatos superfluos a fachada da igreja, e mesmo o lado della pela parte exterior, fez tão pouco cazo da cupula, que mais parece o mirante d'uma quinta, que o zimbório de uma igreja; quando todos sabem que as cupulas, quando as ha, são as peças mais importantes dos edificios, e aonde os melhores architectos tem posto o seu saber."

Pag. 173. Quando trata, e descreve os conventos mais famosos de Lisboa, falla da sacristia da igreja do convento de Nossa Senhora da Graça, e a engrandece por estar ali colocado o mauzoléo do grande e invicto Afonso d'Albuquerque; he uma falsidade imperdoavel. O mauzoléo que está nesta sacristia he o de Mendo de Foios Pereira, Secretario de Estado que foi do senhor Rei D. Pe-



dro II, como se deprehende do epitafio que fielmente copiamos, e he como se segue:

QUI LAPIDI INCIDENDA, CEDRO QUI DIGNA LOCUTUS,  
VOX FUIT IMPERIJ, LYSIA CLARA, TUI,  
HIC MENDUS JACET: EGREGIUM, AC MEMORABILE NOMEN  
HEROIS CLAMANT ET CEDRUS, ET LAPIDES.

D. 5. 7. BRIS AN. 1707.

E mais auctoriza esta verdade o seu retrato pintado a fresco, e sobranceiro ao mesmo mauzoléo, com os vestidos, e insignias proprias da magistratura, e que ainda estão em voga em alguns dos nossos tribunaes; quando se fosse o de Affonso d'Albuquerque, deveria estar retratado como guerreiro, ao uzo antigo, e proprio daquella luzida idade, bem como vem estampado em Manoel de Faria e Souza; e no folheto numero 10 da Collecção de retratos, e elogios dos Varões, e Donas que illustrarão a nação portugueza; e como um poeta nosso o representa:

*Se quereis ver o Capitão mais claro,  
Que a fama conheceu, que viu a terra,  
Vede a Albuquerque insigne archivo raro,  
Que a disciplina militar encerra:  
Quantas vezes o vejo, mais reparo  
Neste grande Varão raio da guerra;  
Notai-o de vagar, que basta vé-lo  
Para ficardes do valor modelo.*

Macedo, Ulyssipo, cant. XII. est. 56.

As respeitaveis cinzas de um homem tão admiravel como Affonso d'Albuquerque, segundo governador e capitão general dos Estados da India, e não Vice-Rei como lhe chama o Sr. Balbi, forão tiradas da capella mór da igreja do dito convento, para se dar sepultura a outras, com injuria assás escandalosa, e lançadas no jazigo commum da familia dos Albuquerque, sem nenhuma distincção na caza do capitulo que está no claustro grande. Disse injuria, e não declarei bastantemente a afronta, e execrando desacato ás cinzas do maior heroe de valor da nação portugueza, quando outras estão depositadas em preciosas urnas, e mauzoléos soberbos, que a vaidade levanta á vaidade; porem quando a gratidão, o valor, e o merecimento os levantasse ao immortal, e invicto Albuquerque, não era uma ocioza memoria. —

Pag. 182. O Sr. Balbi faz uma bellissima descripção de Cintra: não lhe esqueceo fazer lembrança do palacio real desta villa, e das famozas chaminés; assim como da celebre castata da quinta de José Dias em Collares. Fizemos algum reparo não lembrar ao Sr. Balbi (como tão affeioado ás bellas artes) um dos maiores monumentos de escultura que possui este reino, e que tanto embelezão o celebre mosteiro de Nossa Senhora da Pena (a).

---

(a) Este edificio tem merecido a muitos dos nossos



Pag. 184. Fazendo lembrança da mages-  
toza quinta dos senhores de Bellas, não teve  
noticia de sua descripção feita por Domingos  
Caldas Barboza, impressa na officina Silvian-

---

escriptores, e poetas as mais lindas descripções. O P.<sup>o</sup>  
Antonio Carvalho da Costa a faz no tomo III da sua  
Corografia: » Em seus lemites (fallando da villa de Cin-  
» tra) está o celebre convento dos Padres Jeronymos da  
» invocação de Nossa Senhora da Pena, o qual está si-  
» tuado em uma altissima penha donde tomou o nome,  
» e se principiou no anno de 1503. A sua igreja, e mais  
» officinas estão todas fundadas, e lavradas ao picão em  
» uma viva pedra; e para o claustro, e jardim em que  
» se veem muitas arvores de espinho, e odoríferas ervas,  
» se trouxe de fora bastante terra. Illustra muito este  
» convento o retabulo de pedra negra e branca mui res-  
» plandecente com muitas figuras da paixão de Christo,  
» e de seu glorioso nascimento, obradas todas com gran-  
» de engenho, e subtileza por Nicoláo Francez. » Um  
poeta nosso o descreveu nos seguintes versos:

Subtil cinzel esculpe os santos passos  
Com delicada mão, saber profundo  
No mimo do lavor, fino dos traços,  
Na apurada certeza das ideas,  
Vendo-se estão musculos e veas.

Em verdade o poeta não tomou a liberdade de poeta.  
A obra he delicadissima, e parece que o habil artista  
deu vida aos marmores, e aos jaspes. Duarte Nunes de  
Leão, na Descripção de Portugal, pag. 28, falla des-  
te mosteiro, assim como Fr. Agostinho de Santa Ma-  
ria, no Santuario Marianno. E já Fr. Heitor Pinto ti-  
nha dito em um dos seus dialogos: » Que este mosteiro  
» pela sua pasmoza elevação parece mais proprio de ni-  
» nho de aguias, do que habitação de monges. »

na; se tivesse visto a sobredita descripção, era impossivel deixar em silencio a celebre fonte, cujas figuras são do famoso Bernini, que o mesmo Barboza descreve principiando pela de Neptuno: " Esta respeitavel e colossal figura, que até no venerando rosto expressa a dignidade de um Numen, he o celebre Neptuno, obra do pasmozo cavalleiro Bernini. Cuido que só com esta simples narração tenho feito o elogio da obra. O sitio a que elle he destinado nesta quinta com os quatro membrudos tritões que o acompanhão, ficará não tendo inveja á formozura da celebre praça que com semelhante obra do mesmo auctor se enriquecera na invejada, e roubada Roma. Bellas vai ser agora mais vizitada de todos os excellentes professores desta nobre arte, que nas figuras que apresenta aqui tem modelos preciosos que offerecer-lhes a copiar."



### *Appendix da Geografia Literaria.*

Começa o Sr. Balbi na primeira parte desta sua Geografia Estatistica a querer distinguir a lingua portugueza segundo a mudança que teve nos differentes reinados. Empreza he esta de assás difficuldade, a que o



auctor se propõem, e que logo deve causar estranheza, por não dizer rizo ao que bem a considerar. Pois como será possível de acreditar, que cada reinado tivesse diversa linguagem, sendo alguns de tão curta extensão, que não passando de cinco, de dez, e de doze annos, o que mais se adiantou não excedeu a quarenta e nove? Que filologo pertendeu por este modo determinar as épocas da lingua latina? Não suppomos que seja esta descoberta da invenção do Sr. Balbi; eis aqui porque eu disse, que devia bem pouco aos que procurou para lhe ministrarem socorro para a composição da sua obra. Devia mui bem advertir o Sr. Balbi, que todos aquelles que se offerecem a dar a historia literaria de uma nação (a) escrevem mui de vagar, pois he empreza que requer grande applicação, demanda muitos conhecimentos que pa-

---

(a) He summamente interessante a historia literaria de uma nação. Nos seculos passados dominava o gosto das *bibliothecas*; estas porem, pela maior parte, estreitavão-se a bem pouco. Uma historia literaria deve ter por fundamento não sómente os sabios, e suas obras, analyzando-as critica judicioza; senão tambem academias, escolas publicas, sociedades literarias, impressas, bibliothecas, e até os mecenas que protegerão as artes, e as sciencias. Francisco Bacon, Barão de Verulamio, entre as coizas que dezejava, e que faltavão na republica das letras, era uma historia literaria universal. Veja-se *De dignitat. et augment. scientiarum* lib. 2, cap. 4.

ra se adquirirem occupão grande parte da vida, que hoje o commum da gente emprega em prazeres, e passatempos ociosos, inimigos capitaes da sabedoria.

E se examinarmos a serie de composições, e fragmentos, como o auctor lhe chama, escritos em portuguez para fixar as épocas da lingua em cada reinado, quanto ha que ponderar, e que logo occorre ao leitor intelligente?

Pag. I. Os versos sobre a perda de Hespanha muitos criticos duvidão da sua authenticidade, e os dão por apocrifos, apesar do auctor os copiar de Fr. Bernardo de Brito, de Manoel de Faria e Souza, e de Miguel Leitão d'Andrada. Outro tanto se pode dizer da carta de Egas Moniz á sua dama, que o auctor transcreve para comprovar a linguagem do tempo do senhor Rei D. Affonso Henriques. Nesse tempo os portuguezes se occupavão em empunhar mais a espada do que a penna. Todavia não padece duvida que nos começos da monarchia a nossa linguagem tinha tomado o sabor da galega (a). Com es-

---

(a) Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal*, capitulo 6, confirma a nossa asserção: „As linguas (diz este escritor) de Galiza, e Portugal ambas „eram antigamente quazi uma mesma nas palavras, e „nos dithongos, e pronunciação, que as outras partes „da Hespanha não tem.”



te reino tínhamos naquelles tempos intimas relações, e ainda no reinado do senhor D. João I; nos escritos que datão daquella idade vemos que a nossa linguagem pouca, ou nenhuma differença tinha da galega. Devemos por tanto assentar, que a primeira época da nossa literatura he desde o reinado do senhor D. Diniz; não obstante serem mui anteriores, e conhecidas as sciencias, e boas artes, amparadas, e protegidas pelos nossos principes. Já em Coimbra, assento então da corte, havia mestres e professores, e não faltavão entre os nossos, como bem advertiu Francisco Leitão Ferreira, *Noticias da Universidade de Coimbra*, numero 1, até 8; nem então se ensinavão publicamente, pois os nobres, e poderozos as ião aprender ás universidades estrangeiras.

Foi portanto o immortal Diniz quem lançou os primeiros alicerces para o grande edificio das letras. As suas poezias tinhão todas as graças dos trovadores. Foi elle sem contradição que fez resurgir a poezia dos gregos, e romanos, depois do eclipse das letras, antecipando-se a compor versos á imitação dos poetas provençaes, antes de florecerem poetas na Hespanha, em França, e ainda mesmo na Italia. ElRei D. João I abriu novo caminho para mais as enobrecer. São claros testemunhos a educação literaria que soube

dar a seus filhos, e a seu successor o senhor D. Duarte. Já no reinado deste era nobre o estylo didatico, como se pode ver nas obras deste mesmo soberano, especialmente na intitulada: *O Leal Conselheiro*: tratado de philosophia moral, que dedicou á Rainha D. Leonor sua mulher. Os escritos dos infantes D. Pedro, e D. Henrique, seus irmãos, dão bem a conhecer o seu saber, e merecimento; os esforços deste segundo instituindo a illustre academia de Sagres, creando nella com o estudo de Astronomia, e Navegação os primeiros, e animozos Argonautas do mar Atlantico, que abrirão as portas ao descobrimento do Oriente, e do Brazil, para fundarem os grandes, e poderozissimos imperios da Azia, e da America, mostram a nossa gloria, acreditão o nome portuguez, e qualificação nossos conhecimentos literarios.

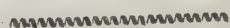
O senhor Rei D. Affonso V erigiu a primeira bibliotheca, ensinando os monarchas com este estabelecimento, quanto devem concorrer para o progresso das letras. Deu o primeiro codigo de leis em que fez trabalhar os mais insignes jurisconsultos que tinham ido estudar com Bartholo, que era o assombro daquella idade. Seu successor elRei D. João II mostrou na correspondencia com Angelo Policiano, quanto foi o seu zelo pelo augmento tanto nas sciencias, como nas artes, que



então começavão a renascer em Florença, por intervenção de Lourenço de Medicis; e acceitou em seu reino mui honradamente ao celebre André Contucci, que deixou insignes monumentos de escultura, e architectura, fazendo subir a pintura a um gráo eminente, que fez rapidos progressos no reinado de seu successor.

Em verdade foi o senhor Rei D. João III o Protector das Letras. A reforma da Universidade de Coimbra lhe deveu o maior augmento. A infanta D. Maria, sua irmã, animando em o paço a sua academia, lhe deu tamanho lustre, que nesse tempo chegou Portugal a ver os homens mais eminentes pelo seu grande saber, e que muito credito derão á nação, como deixão ver os famosos escritos daquella brilhante idade em que a nação portugueza adquiriu a maior gloria, que se dilatou, e estendeu por todo o reinado do senhor D. Sebastião. He certo porem, que em o dominio dos Filippes tiverão decadencia as letras; e com as guerras dos governos dos reis D. João IV, e de seus filhos D. Affonso VI, e D. Pedro II, quazi de todo se ião extinguindo; posto que não faltavão todavia homens distinctos que por seu engenho, e saber sustentarão o credito da nação. O senhor Rei D. João V fundou a Academia Real da Historia Portugueza; e com ella deu es-

peranças de cobrarem as letras seu primeiro esplendor. Ao senhor D. José I he que Portugal deve o subirem ellas outra vez ao grande auge, como a seu singular restaurador. A criação dos estudos menores por todo o reino; o estabelecimento da Arcadia; a reforma da Universidade; seus famosos estatutos nunca deverão esquecer no animo dos portuguezes, como de instrumentos de que elle tão felizmente se soube aproveitar para conseguir seu fim tão gloriozo. Bem o soube imitar a senhora D. Maria I continuando os mesmos passos para seu augmento com a criação da Academia Real das Sciencias, e das duas Academias da Marinha, e da Fortificação; intento gloriozo, que tão venturozamente desempenhou o senhor Rei D. João VI de saudosa memoria.



*Theologia, Moral, e Praticas religiosas.*

Pag. XXIV. Muito pobre de noticias, e verdadeiras indagações, se acha este artigo, principalmente ao que diz respeito a Theologia. Tocou as cinzas de alguns theologos respeitaveis, mas não se lembrou de outros homens insignes nesta faculdade, e posteriores a muitos pelo Sr. Balbi designados. Como



theologo apparece logo em frente o P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Figueiredo (a), homem de inegavel merecimento, e de erudição vastissima, principalmente nas sciencias ecclesiasticas, e a quem muitos sabios das nações estrangeiras cobrirão de elogios; tributo assás honorifico, quanto menos suspeitozo, que a justiça, e a imparcialidade costumão render ao solido, e verdadeiro merecimento, e que o poem a coberto das invectivas dos menos instruidos. Todavia apezar dos conhecimentos scientificos deste gravissimo escritor, antes que elle publicasse algumas das suas obras, havia em Portugal theologos que não ignoravão os principios da doutrina, que o P.<sup>o</sup> Pereira depois desenvolveu. He portanto para

---

(a) Nasceu na villa de Mação aos 14 de Fevereiro de 1725. Seus pais forão Antonio Pereira, e Maria de Figueiredo. Em 1736 entrou no collegio ducal de Vila Viçosa aonde aprendeu a grammatica, e latinidades, tendo por mestres os jezuitas; e da arte de muzica o P.<sup>o</sup> Innocencio de Souza Mealha. Passado um anno entrou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, pela prenda de muzico, e organista. Sabendo porem que pelos estatutos da congregação dos conegos regrantes lhe era difficultozo seguir a carreira literaria, findos seis mezes de noviciado largou a murça; e em 1744 entrou na congregação do Oratorio. As sciencias o perderão aos 14 d'Agosto de 1797, contando de idade setenta e dois annos e meio. A obra que tem por titulo *Dictionnaire historique, critique et bibliographique* impressa em Paris em 1822, no tomo 10 faz do nosso sabio a mais honroza memoria.

resentir, que o Sr. Balbi supponha tão ignorante o clero portuguez ouzando affirmar que certas obras do P.<sup>o</sup> Pereira chegarão a causar no mesmo clero uma verdadeira revolução. São em verdade mui vagas estas expressões. O mesmo insigne theologo não lhes lançou em rosto tanta ignorancia, como o auctor podia ver em uma dedicatoria (a) ao serenissimo senhor D. Gaspar, Arcebispo de Braga. Certificamos ao Sr. Balbi, que as obras de Pedro de Marca, Blondelns Odins, Pougets, Platels, Holdens, Bossuets (b), já occupavão, e tinham lugar nas bibliothecas luzitanas. Quando o P.<sup>o</sup> Pereira publicou a *Analyse da Profissão da Fé do Santo Papa Pio IV*, qual do clero portuguez instruido ignorava que o P.<sup>o</sup> Veron foi a fonte donde o P.<sup>o</sup> Pereira extrahiu as suas ideias?

Devemos tambem advertir ao Sr. Balbi, que nem todos os homens dotou a natureza de genio, e animozidade para escreverem. Circumstancias, e respeitos humanos acanhão os animos, e tolhem muitas vezes a penna.

---

(a) Vem na Demonstração Theologico-Canonica Historica do Direito dos Metropolitanos de Portugal, a pag. ix.

(b) Em 1756 se tinha já publicado em Coimbra, impressa na officina de Luiz Secco Ferreira, a Exposição da Doutrina da Igreja Catholica pelo immortal Bossuet.



Concede, e dá a borla doutoral ao P.<sup>o</sup> Pereira, negando-a a outros. O P.<sup>o</sup> Pereira não a teve, nem della carecia.

Neste artigo inclue como theologo o P.<sup>o</sup> Antonio Caldas; não seguiu esta faculdade: formou-se em direito civil. Esteve despachado para juiz de fora da villa de Barcellos, cujo lugar engeitou. Conservou-se muitos annos no estado secular, e depois abraçou o ecclesiastico. Falleceu no Rio de Janeiro.

Tambem designa tres lentes da Universidade como theologos. Estes subirão ás cadeiras como legistas, e canonistas; e não como theologos. Lembra o Sr. Balbi os nomes de alguns theologos, e assás nos admira esquecesse o nome de tanto pezo, e auctoridade, como o do P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Patricio da Silva, dos Eremitas de Santo Agostinho, theologo profundo, e nesse tempo lente desta faculdade na Universidade de Coimbra, e a quem as suas letras, e virtudes subirão ás dignidades de Bispo de Castello branco; Arcebispo metropolitano de Evora; Cardial da Santa Igreja Romana; Regedor das Justicas; e Patriarcha de Lisboa. Quem poderá tambem soffrer de bom animo o não designar como um dos mais esclarecidos theologos a D. João Joaquim Bernardino de Brito, que depois de honrar com as suas luzes

uma cadeira desta faculdade, foi eleito Bispo do Funchal? Por ventura não existia este profundo theologo quando o Sr. Balbi escreveu o seu *Ensaio*? Nomeão-se alguns theologos nunca por taes conhecidos, e exclue-se um Lente da Uniyersidade tão geralmente acreditado? Perguntariamos ao Escriitor, ou áquelles a quem consultou para semelhantes indagações, se estes, e outros theologos que apontamos *são d'aquelles sujeitos de nome obscuro que se poderão queixar não se verem mencionados a par dos outros*, desculpa que se em parte pode muito bem ser admissivel, nunca o poderá ser nos pontos, em que reluz manifesta parcialidade, ou talvez falta de justa avaliação do verdadeiro merecimento? Faz menção de oppositores em Theologia, deixa no mais ingrato silencio o actual decano da mesma faculdade, e tão respeitavel por seu character, como distincto por sua literatura, ao P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. José d'Aquino, monge Benedictino; o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Manoel de Santa Anna Seissa, carmelita calçado, e actual lente da mesma faculdade na Universidade. Devião lembrar como theologos o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Mattheus da Assumpção Brandão, monge Benedictino, e outros theologos desta esclarecida congregação; o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. Philippe Pato Torreção, carmelita calçado; e o P.<sup>o</sup>



Luiz Manoel Pereira Franco, da congregação da Missão. Por ventura estes, e outros esclarecidos theologos não existião quando o escritor publicou o seu *Ensaio*? Se o Sr. Balbi se recorda de theologos ha muitos annos fallecidos, porque deixou de designar outros que merecião um lugar mui distincto no seu *Ensaio Estatístico*? Taes são: Fr. Joaquim de Azevedo (a), eremita de Santo Agostinho; os Doutores da Universidade, e lentes de Theologia, Fr. Dionyzio de Deos; e Fr. Joaquim de Santa Anna, da congregação de S. Paulo primeiro Eremita; Fr. Antonio Correa (b); e

---

(a) Foi natural de Villa viçosa. Nasceu em 4 d'Abril de 1746. Professou o instituto Agostinianno no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa em 16 de Junho de 1762. Graduou-se em Theologia a 26 de Julho de 1784. Foi despachado lente por carta regia datada de 22 de Fevereiro de 1806. Escreveu: *Pro Vulgata sacrorum Bibliorum latina editione contra Sixtinum Amam Liber apologeticus etc.* Historia da Paixão de Nosso Senhor Jesu-Christo, segundo os quatro Evangelistas, traduzida do texto latino, e do original grego, na lingua portugueza, e illustrada com varias questões theologicas pertencentes á mesma historia.

(b) Este gravissimo theologo nasceu na cidade do Porto em 11 d'Outubro de 1721. Professou no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 14 de Setembro de 1738. Foi provido na cadeira de historia ecclesiastica da Universidade de Coimbra pela senhora Rainha D. Maria I, cuja não chegou a occupar, por Sua Magestade o nomear Arcebispo da Bahia no anno de 1779. Deste benemerito prelado faz honroza memo-

Fr. João Baptista (a), eremitas Agostinianos. Assás nos admiramos de não fazer mui distincta lembrança do P.<sup>o</sup> Antonio Alvares (b); do P.<sup>o</sup> Valentim de Bulhões; do P.<sup>o</sup> José da Veiga, mui versado na historia ecclesiastica; e de outros illustres theologos da

ria Agostinho Rebello da Costa na Descripção Topografica da cidade do Porto.

(a) Nasceu em Lisboa a 16 de Janeiro de 1733. Professou no convento de Nossa Senhora da Graça a 22 de Junho de 1751. Foi insigne theologo. Falleceu no collegio de Coimbra em 16 de Fevereiro de 1788.

(b) Foi natural de Lisboa, filho de João Alvares Galvão, e de Izabel Ferreira de Hungria. Entrou na congregação do Oratorio de S. Filippe Neri a 8 de Dezembro de 1753, e falleceu a 22 de Junho de 1807. Era de subtil, e atilado engenho. A sua vida foi sempre retirada, laborioza, e applicada ao estudo. Dotado d'um talento capaz de abranger os mais importantes assumptos, adquiriu os mais vastos conhecimentos de tudo quanto se propunha defender. Bem o mostrou nas famozas thezes que dedicou ao Bispo Inquizidor geral D. José Maria de Mello, que publicamente sustentou, e tratão:

De  
Primi Parentis Peccato  
De  
Praedestinatione  
Atque  
Jesu Christi Gratia  
Publicam Disputationem

Sendo defendente o P.<sup>o</sup> José Portelli, e arguentes os theologos de melhor nota. O esplendor, e magisterio com que forão prezididas, qualificarão o alto conceito que merecia este esclarecido, e profundo theologo.



congregação do Oratorio. Forão tidos em pouca conta o P.º M.º Fr. Miguel d'Azevedo (a); o P.º M.º Doutor Fr. José Caetano de Souza (b); o P.º M.º Doutor Fr. Bernardo Antonio do Valle (c), carmelitas calçados. Um escritor dos nossos tempos, respeitavel por seu saber, e alta dignidade, louva muito ao Arcebispo de Thessalonica D. Fr. Ignacio de S. Caetano. Foi um theologo consumado. São obras suas: *Parocho instruido* publicada em 1772: *Moral evangelica* publicada em 1776. Ha mais outros escritos que dão muita gloria a seu auctor. Todos sabem que a religião do-

---

(a) Este religioso era natural de Evora, logrou sempre os creditos de um grande theologo. Publicou muitas obras; a mais notavel tem por titulo *Ministro de Jesu Christo no Tribunal da Penitencia*, em dez tomos, impressa na officina de Simão Thaddeo Ferreira.

(b) Foi um religioso sabio, e virtuozo; orador eloquente; bem conhecido neste reino; por antonomazia *O Lingua de Prata do Carmo*. Nasceu em Lisboa aos 22 d'Abril de 1717. Foi filho de Manoel dos Santos Pinheiro, e de sua mulher Mariã de Jesus. Professou no convento do Carmo de Lisboa em 1732. Por Decreto da senhora Rainha D. Maria I foi jubilado na cadeira de Vespera da Universidade de Coimbra. Na collecção das dissertações da Academia Liturgica se achão tres dissertações suas. Publicou mais outras obras de muito merecimento.

(c) Tambem foi socio da Academia Liturgica. Escreveu algumas dissertações. Do insigne Fr. Francisco Vallezio vimos nesta collecção uma carta latina escrita á mesma Academia, que abona a grande reputação que este religioso sempre teve de um perfeito latino.

minicana tem produzido varões assignalados. Nós só lembramos o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. João Baptista; o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. José do Rozario Garcia; o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. José Malaquias; porque nomear não só desta religião, mas ainda de outras os theologos que tem florecido, seria espraarmo-nos em demazia; e só o temos feito para mostrar ao Sr. Balbi que o seu artigo, quando trata desta faculdade, he po-brissimo. Devemos fazer mui distincta memoria do P.<sup>o</sup> Fr. Serafim da Conceição, Carmelita descalço (a). Para credito deste religioso basta lembrar a consideração que merecerão os seus escritos ao veneravel D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga (b); a D.

---

(a) Foi natural de Villa marim, pouco distante de Villa real. Nasceu a 6 de Janeiro de 1734. Deixou de viver em 6 de Fevereiro de 1814.

(b) Assás nos admiramos que fallando o Sr. Balbi a paginas xxiv do veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, e sendo tão avezado a desperdiçar elogios, fosse tão mesquinho em os tributar a um homem, que por suas virtudes, e letras deveria merecer-lhe a mais distincta consideração. Fallamos de um religioso fiel á sua vocação, sempre occupado em as regras, e obrigações do seu estado, austero em seu trato; que em quanto viveu no claustro foi o modelo, e o exemplar da perfeição christã, e religiosa. Fallamos de um Arcebispo como o veneravel D. Fr. Caetano Brandão, a quem a innocencia, e pureza de seus costumes, sua vigilancia pastoral, seu zelo em manter a disciplina ecclesiastica, sua ardente caridade, em fim suas virtudes apostolicas o fizeram conhecido não só em Portugal,



Antonio José Cordeiro, Bispo d'Aveiro; e a D. Francisco Gomes, Bispo do Algarve.

Pag. XXVI. Aos professores das linguas podia juntar os seguintes:

*Grego.*

José Januario Lombardi; D. José Valerio, Bispo de Portalegre; Felix José Marques; Antonio Joaquim Leite; Manoel José Pires, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Censor Regio; Antonio Maria

---

mas em toda a Igreja. Não estranhemos fosse dado a conhecer ao publico pelo Sr. Balbi, como homem virtuozo; mas sim como homem sabio, e sem ser caracterizado com os honrozos epitetos, que de bom grado o escritor liberalizou a outros.... Graças aos sabios editores do jornal de Coimbra, que publicarão muitos dos seus escritos, que até, em nosso entender, pela clareza, naturalidade, e pureza de linguagem, devem ser respeitados como preciozos monumentos da nossa litteratura. Quem deixaria, a não ser o Sr. Balbi, de fazer particular, e mui distincta memoria de um sabio, não só como theologo versado em todas as materias ecclesiasticas, mas ainda em jurisprudencia? Abonão a nossa asserção a correspondencia que teve com o Ministro Secretario d'Estado José de Seabra da Silva, e muitos outros manuscritos que temos visto, que se conservão em algumas bibliothecas, e nas mãos de alguns sabios. Todas as obras deste grande prelado mostrão quam subido foi seu merecimento em litteratura. Releve-se-me a extensão desta nota; mas a muito nos obriga a saudar a memoria de um prelado digno dos felizes, e primitivos seculos da Igreja.

do Conto; Domingos Antonio de Lima; Luiz Antonio d'Azevedo; José Cardozo Pereira; e o P.<sup>o</sup> Custodio José d'Oliveira. Foi nesta lingua mui versado o Conde da Azambuja, D. José Maria Rolim de Moura e Mendoza. Merecia ser lembrado, e a muitos respeito, o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Fortunato de S. Boaventura, monge Cisterciense; igualmente Manoel Vicente Gomes, actual professor em Coimbra; e não menos Thomé Barboza de Figueiredo d'Almeida Cardozo.

### *Hebraico.*

O P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Domingos de Carvalho, eremita de Santo Agostinho, lente jubilado na Universidade de Coimbra; o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. Gregorio José da Veiga; e o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Henrique Manoel da Conceição, da Terceira Ordem da Penitencia (a); o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Joaquim d'Azevedo, eremi-

---

(a) Quando designamos as Ordens religiosas he com a devida distincção, e não com a confusão em que inadvertidamente cahiu o Sr. Balbi, pois aponta v. g. o Rev.<sup>mo</sup> Fr. José de Santo Antonio Moura como franciscano; verdade he que a esta ordem pertence; mas em Portugal não ha o costume de chamar *franciscanos* senão aos religiosos das provincias de Portugal, e Algarves. Quem escreve d'uma nação deve saber os uzos, e costumes della. As mesmas Secretarias d'Estado quando escrevem aos prelados maiores designão, e distin-



ta de Santo Agostinho; Fr. Joaquim de Santa Clara, monge Benedictino; D. João da Encarnação, conego regular de Santo Agostinho; e o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Doutor Fr. Mattheus da Assumpção Brandão, também monge Benedictino.

Sendo indubitavel que a lingua hebraica não foi desconhecida entre os portuguezes em tempos mais atrazados, pois Fr. Francisco Foreiro, e Fr. Jeronymo d'Azambuja, dominicanos, em seu conhecimento forão versadissimos, devem merecer-nos grata memoria Fr. Luiz de S. Francisco, da ordem dos Menores; Fr. Heitor Pinto, monge da congregação de S. Jeronymo, varão tão recomendavel por sua literatura, como por sua constancia, e heroica fidelidade no amor, e interesses da patria; D. Jeronymo Ozorio, Bispo de Silves; e o insigne theologo Diogo de Paiva d'Andrada. Temos encontrado noticias de muitos outros portuguezes instrui-

---

guem a provincia a que pertencem, e á caracterizão da maneira seguinte: *Ao Ministro Provincial dos Menores da Provincia de Portugal: Ao Ministro Provincial dos Menores da Provincia dos Algarves: Ao Ministro Provincial dos Religiozos Reformados da Provincia de Santa Maria da Arrabida etc. etc.* Esta nota parecerá ao Sr. Balbi não só escuzada, mas até impertinente; porem advertimos que cada uma das corporações religiozas não quer ser defraudada da honra que lhes rezulta do merecimento, e letras dos seus individuos.

dos nas linguas hebraica, e grega; como os carmelitas calçados Fr. Alberto de Faria, o qual compoz dois volumes de dialogos *de Græcismis, et Hebraismis Sacrae Scripturae*. Delle tratão Manoel de Faria e Souza, e o Abbade Diogo Barboza Machado. Nicoláo Antonio na sua *Bibliotheca Hispan.*, tomo I, paginas 5, columna 1 chama-lhe com erro notavel Fr. Alberto de Farias. Floreceu em 1598 D. Fr. Thomé de Faria, Bispo de Targa, que foi na opinião de Nicoláo Antonio, *Bibliotheca* tomo II, paginas 243, perito nas linguas hebraica, grega, e latina; nesta traduziu os *Lusiadas* do nosso immortal Luiz de Camões; e o P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portugueza*, tomo III, livro 2, tratado 8, capitulo 47, pagina 263, affirma que entrara nesta empresa a instancias dos Padres Jesuitas. O poema imprimiu-se em Lisboa na officina de Gerardo da Vinha, no anno de 1624.



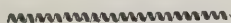
### *Jurisprudencia.*

Pag. XXVI. Escreve o Sr. Balbi, que os juriconsultos erão empregados em tudo, até mesmo em *Directores dos Arsenaes*. Não podemos saber quaes sejão, ou tenham sido



em Portugal os jurisconsultos *Directores dos Arsenaes*. Mui attentamente lemos a enfiada dos nomes de nossos jurisconsultos; aponta homens dignissimos: em outros teve muito lugar a hyperbole. Tambem exagera (quanto a lizonja nesse tempo o requeria) *certos discursos notaveis, e que são conhecidos em toda a Europa*. Não supponhamos a Europa tão falta de luzes! A Europa no genero, e qualidade destes *discursos*, em quanto a eloquencia, tem visto muita couza boa, e pouco, ou nenhum cazo poderia fazer daquelles, de quem o escritor faz tão distincta memoria.

Pag. XXXI. O Sr. José de Mello Freire não he o auctor da dissertação sobre os delictos e penas, como se lê nesta pagina; mas sim o Sr. Francisco Freire da Silva e Mello, Arcediago da cathedral de Leiria, o qual tem publicado varios escritos.



*Logica, e Methaphysica.*

Pag. XXXVIII. Na introdução a estas sciencias não me desagradarão as reflexões do auctor. Todavia deveria juntar aos professores benemeritos Bento José de Souza Farinha; Agostinho José da Costa de Macedo,

literato e bibliografo mui distincto; Bartholomeu Ignacio Jorge; P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. José de Santa Rufina, professor Regio, e religioso da provincia de Santa Maria d'Arrabida; e Fr. Miguel do Carmo. Porque motivo deixaria o Sr. Balbi em estranho esquecimento o nome de D. Francisco da Soledade, actual Perfeito dos Estudos das Reaes Escolas do Mosteiro de S. Vicente de Fora? Por ventura este literato não he reputado como professor erudito, principalmente em Filozofia, Historia, e Bellas letras? Pode o Sr. Balbi chamar-se á ignorancia, quando se acha impresso, que d'aquelle Mosteiro se lhe subministrou grande cabedal para a fabrica e composição do *Ensaio Estatistico*? Que devemos suppor senão que malicia, ou ignorancia de quem não conhece o verdadeiro merecimento cauzaesse esta omissão, ou talvez quem se julgasse por tão reconhecido merito affrontado?

Fatiga-se o Sr. Balbi (mas de balde) em fazer-nos conhecer o merecimento de alguns individuos, que se nos fosse licito nomea-los chamariamos em favor da nossa opinião toda uma capital. Quem os vio nunca subir ás cadeiras scientificas para se conhecer *a profundidade da sua filozofia*? Quaes são as obras destes literatos, que sahirão á luz publica? Quem os vio subir aos pulpitos, para serem



considerados como *oradores distinctos*? Quaes, e aonde existem os *discursos sagrados aonde brilha a sua eloquencia*? Os sabios distinctos de quem o Sr. Balbi faz tão honroza memoria não recebem, nem lhes rezulta muito credito, quando são hombreados com o merecimento destes, e de muitos outros que poderiamos apontar se nos fosse permittido: eis-aqui o que he misturar, e confundir as luzes com as trevas, o oiro com o chumbo. Estes, e outros desta estofa, perguntariamos ao Sr. Balbi, he que formão a gloria da nação?

~~~~~

Mathematica, Astronomia, e Mechanica.

Pag. XXXIX. Desempenhamos o que affiançamos na prefacção deste opusculo, que seria em nós o maior pedantismo, se nos arrojassemos a fallar daquellas materias, que transpoem as raias de nossos conhecimentos; e por isso allegamos com o testemunho, e authoridade alheia, affirmando ao escritor, que um geometra respeitado das nações estrangeiras, que se honrão em o contar entre o numero de seus socios, acreditado não só pelos escritos da sua profissão, mas ainda em outros ramos; sabio que por mais de uma vez mereceu ao Sr. Balbi os maiores elogios,

lendo os nomes de alguns mathematicos *insignes* só na sua opinião, exclamou, aonde iria o escritor achar tantos mathematicos distinctos?

~~~~~

*Medicina, Cirurgia, e Farmacia.*

Pag. LXVII. Temos ouvido ralhar a muito habeis professores destas faculdades de pouca selecção nestes ramos. O escritor attribue profundidade de saber a quem muito lhe parece, e outros que merecião mais alguma consideração forão tocados mui de corrida. Nós fizemos algum reparo a paginas LXVII não fazer menção de José Felix Baima de Barros, e Luiz Gonzaga da Silva, medicos mui acreditados em Santarem, fazendo-a de outros; assim como não lembrarem João Gervazio de Carvalho, medico do partido da villa do Cartaxo; Manoel Tavares de Macedo, de Torres vedras, e outros que poderíamos lembrar. O Sr. Balbi, como já notamos, lembra-se do merecimento de homens ha longos annos fallecidos; como medicos, e cirurgiões deveria recordar, como medico distincto, a Antonio Soares de Macedo Lobo, medico da Real Camara da Senhora Rainha D. Maria I (a); Luiz Martins da Rua, cirurgião

---

(a) Escreveu, não accusando o seu nome: Carta



mór do regimento de cavallaria de Meklemburg, hoje numero 4, da guarnição da corte, e cavalleiro da ordem de S. Thiago da Espada (a).

Duarte Rebello de Saldanha, medico mui acreditado em Lisboa; Francisco José de Paula, cirurgião da Real Camara, primeiro cirurgião do hospital militar da corte, membro da junta dos cirurgiões e militares enfermos: foi natural de Lisboa (b); Caetano José de Figueiredo, cirurgião da Camara da senhora Rainha D. Maria I, bastantemente acreditado na sua faculdade. Devemos tambem lembrar com subidos elogios a Francisco Raymundo Xavier da Costa, natural de Elvas (c).

---

apologetica sobre a necessidade de praticar os remedios purgantes em toda a sorte de febres erysipelatoria. Lisboa, 1780, 8.º

(a) Verteu do francez em portuguez: Estatutos de Cirurgia de Paris. Não accuzou o seu nome. Lisboa, 1779, 8.º

(b) Traduziu em portuguez: Elementos de Fysiologia do Doutor Guilherme Cullen, primeiro Medico del-Rei de Inglaterra em Escocia, e lente de medicina practica na Universidade de Edimburgo. Em 8.º Lisboa, na officina Nuneziana. Foi a Inglaterra; e depois de sua chegada a Lisboa traduziu juntamente com Manoel Alvares da Costa Barreto: Systema de Cirurgia de Benjamin, membro do Real Collegio dos cirurgiões de Irlanda, e Edimburgo. Lisboa, 1794. Na officina de João Antonio da Silva. Em 4.º

(c) Applicou-se desde os primeiros annos aos estu-

~~~~~

Eloquencia, e Rhetorica.

Pag. CXXX. Todos os elogios que faz a Jeronymo Soares Barboza, como rhetorico, serão bem merecidos; todavia devemos advertir ao escritor, que neste artigo tinha mais lugar fazer honroza memoria de Pedro José da Fonseca, do que a pag. CXXIV como dictionarista. Este rhetorico, e não menos o insigne Francisco de Salles devem ser considerados como creadores destes bons estudos, quazi amortecidos em Portugal, e avivados na reforma que o senhor Rei D. José I fez

dos com destino de passar á Universidade. Foi eminente na farmacia. Teve carta de engenheiro, que exercitou principalmente nas obras pertencentes ao Juizo das Capellas, estudo a que tambem se tinha applicado na aula publica de engenharia, que por algum tempo se conservou no mosteiro de S. Bento. Melhorou, e aperfeiçoou notavelmente a machina respiratoria de *Mudge* que offereceu á Real Academia das Sciencias de Lisboa em 1790, que a mesma Academia julgou digna de publicar-se, e coroou com uma medalha na sessão publica de 17 de Janeiro de 1791; alem de outras obras que deixou manuscritas, como a Apologia Chimico-critica e farmaceutica aos Elementos de Chimica e farmacia do Doutor Manoel Joaquim Henriques de Paiva, impressos em Lisboa em 1786 na officina de Francisco Luiz Ameno. Morreu em 24 de Setembro de 1794.

em 1759, e tão acreditada no seu desempenho por dois dignos professores D. Joaquim de Guadalupe, e D. Luiz do Carmo, conegos regrantes de Santo Agostinho (Seria para dezejar, que tivessem imitadores). O merecimento destes professores he bem conhecido, e forremo-nos ao trabalho de demonstra-lo. Ainda existem alguns discipulos do benemerito professor Francisco de Salles (a), que acreditão a sua escola (escola de gosto); e há pouco mais de um anno deixou de existir Pedro José de Figueiredo (b), Socio da

(a) Este professor alem dos conhecimentos das materias que ensinava, era dotado de um excellente gosto, e ainda que não quíz publicar nenhuma das suas composições, he bem sabido que deixou uma tradução dos tres livros = *De Oratore* = de Cicero, apontando nelles todos os lugares de que se serviu Quintilianno para as suas Instituições Rhetoricas; assim como são obras da sua penna as notas que acompanhão as traduções de Longino e Luciano, que publicou o P.^o Custodio José d'Oliveira.

(b) Este literato merece um distincto lugar entre os homens que cultivarão as sciencias. O seu nome talvez se estendesse mais, se á innocencia de seus costumes, e singular modestia; virtude que ordinariamente he inseparavel do homem verdadeiramente sabio: todavia ainda que este não faça alardo de seus conhecimentos, nem ostentação de suas luzes, ellas vem a brilhar a travez das sombras com que pretendeu occulta-las. Tal foi o procedimento de Pedro José de Figueiredo, que em Lisboa teve o seu nascimento aos 19 de Junho de 1762, e baptizado na freguezia de Santa Marinha em 13 de Ju-

Academia Real das Sciencias de Lisboa, literato mui distincto; porem esquecido assim como outros no *Ensaio Estatistico*, e que de-

lho do mesmo anno, sendo filho de Caetano José de Figueiredo, Cirurgião da Camara da senhora Rainha D. Maria I, e de D. Gertrudes Margarida de Figueiredo. Não cabe em os limites de uma nota o-mostrar quão subido foi o seu merecimento, principalmente em Bellas Letras cujos elementos aprendeu na escola dos melhores professores, que tanta gloria dão ao reinado do senhor D. José I. No Real Seminario do Patriarchado, na villa de Santarem, occupou dignamente, e por muitos annos a cadeira de Rhetorica e Poetica. Foi versadissimo em a nossa historia. Bibliografo insigne, e pelo seu distincto merecimento chamado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa para ser contado entre o numero de seus socios, e pelo Estado occupado em varias commissões literarias. Depois de uma dolorosa enfermidade, que soffreu com a rezignação e paciencia verdadeiramente christã, as letras o perderão em 11 de Fevereiro de 1826. Escreveu: Arte da Grammatica Portugueza ordenada em methodo breve, facil, e claro, que dedicou ao senhor D. Antonio, Principe da Beira; da qual houve em sua vida tres edições, a primeira em 1799, a segunda em 1804, e a terceira em 1811, não contando a da Bahia feita sem consentimento seu; deixando-a para quarta edição muito mais augmentada e enriquecida de notas, a qual no presente anno de 1827 acabão de dar á luz com toda a exacção a Viuva Bertrand & Filhos, Mercadores de Livros em Lisboa — Retratos e Elogios dos Varões, e Donas que illustrarão a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, que offereceu aos generozos portuguezes, e começou a publicar em folhetos no mez de Julho de 1806, e formão um grande volume em quarto maior que o ordinario, e contem setenta e oito elogios — Carta em resposta de certo amigo de Lisboa a outro de Santa-

veria merecer mais consideração do que alguns, cujo merecimento he só imaginario apesar dos subidos elogios que lhe faz o escri-

rem, em que se lanção os fundamentos sobre a verdade, ou incerteza da morte delRei D. Sebastião, que imprimiu em 1808, e tambem deixou mais correcta e augmentada para segunda edição — Dissertação historico-juridica sobre a legitimidade da senhora D. Tereza, mulher do senhor D. Henrique, e mãe do senhor Rei D. Affonso Henriques, que se acha impressa no tomo VIII das Memorias de Literatura portugueza da Academia Real das Sciencias — Accrescentou cinco para seis mil artigos ao Diccionario da lingua portugueza, na terceira edição de 1823, por Borel. Deixou manuscritos — Oração de abertura de estudos recitada em Outubro de 1801 no Real Collegio do Patriarchado — Elogio que tambem recitou no mesmo Real Collegio no dia anniversario do senhor D. João VI, sendo então Principe Regente — Relação da solemnidade com que S. A. R. foi recebido no Real Collegio do Patriarchado, no dia 21 de Março de 1805, e juntamente a Oração que nesse acto lhe dirigiu — Noticia da fundação, e instituição do dito Real Collegio. Alem destes manuscritos ha tambem algumas censuras academicas, e outras que se lhe incumbirão por differentes Secretarias de Estado; e grandissima copia de apontamentos para o Diccionario da lingua portugueza.

O que constitue digno de maior apreço os escritos deste sabio, são uma critica judicioza, um estilo claro e concizo, pureza de linguagem, a que tão deveras se applicou bebendo nos nossos classicos copia de frases, abundancia de vocabulos, propriedade de termos, suavidade, harmonia, e todas aquellas bellezas de que tanto abunda a nossa linguagem, hoje por alguns tão indignamente estropeada. Se os escritos devem ser estimados pela pureza, correcção, e elegancia, estas prendas brillão nas produções literarias de Figueiredo. Um su-

tôr, e que demonstrariamos com os testemunhos mais evidentes, se nos fosse licito, ou se a tanto nos obrigarem.

Em quanto á eloquencia, e os que desempenhão os seus preceitos, muito havia que

geito apreciador do verdadeiro merecimento, e conhecido na republica das letras, teceu o epitaphio, que publicamos, á memoria do nosso literato, e que deveria ser exarado sobre a campa que cobre suas respeitaveis cinzas. O auctor dá bem a conhecer quão mesquinha foi a sua subsistencia; e seus serviços e merecimentos quão pouco galardoados. Igual sorte experimentarão Jorge Cardozo, o P.^o Antonio Carvalho da Costa, e muitos outros. Defeito este que a posteridade condemna, e reprova nos passados, sem que de ordinario o emende nos presentes.

D. O. M.

CONDITUR. HOC. SEPULCHRO

QUIS?

PETRUS. JOSEPHUS. FIGUEIREDIUS

VIR. EGREGIE. PROBUS

INGENIO. ALACRI. GRAVI. PRUDENTIA. TEMPERATO

RERUM. OMNIUM. ERUDITA. NOTITIA

URBANITATE. MODESTIA. ÆQUABILITATE

CLARISSIMUS

IN. SCIENTIARUM. REGALI. ACADEMIA. ULYSSIPPONENSI

ANNUMERATUS

PRO. SUIS. MAXIMIS. MERITIS

AMPLISSIMIS. HONORIBUS. DECORARI

DIGNUS

AD. SUMMAM. SENECTUTEM. NON. PERVENIT

SED. LABORIBUS. AERUMNIS. QUE. CONSUMPTUS

FUNCTUS. VITA

ANNO. SALUT. 1826. III. ID. FEBRUAR.

ETATIS. SUE. 64

S. T. T. L.

ponderar. O escritor fez a honra de comprehender no seu *Ensaio* sугeitos de merecimento distincto; todavia tomados em geral ha notaveis excepções com injuria de alguns, que devião merecer-lhe a mais attenta consideração, e forão envolvidos no mais injusto esquecimento. Sobre estes não recahe, como havemos mostrar, a censura que o auctor faz a pag. XXIII, de que o *merecimento imaginario* os fará resentir de não serem lembrados no seu *Ensaio*. Não he o amor proprio, he a verdade, he a justiça, e a imparcialidade, qualidades essenciaes que devem occupar a penna de um escritor, que nos obriga a mostrar ao Sr. Balbi que, á excepção de poucos oradores indicados, a maior parte deixou-se levar da aura popular, que nunca pode ser juiz competente, nem entrar no verdadeiro conhecimento das qualidades que deve ter um perfeito orador, devendo lembrar-se do que judiciosamente recomenda Bacon: *Non ex vulgari opinione sed sano judicio*. O Sr. Balbi foi tão liberal em dar á nação portugueza tantos, e tão extremados pregadores, que a mesma França reputada como a fonte das luzes não podia contar outros tantos no reinado de Luiz XIV. Deveria advertir que florecendo esta nação em todos os ramos das sciencias, e conhecimentos humanos, na oratoria sagrada conta poucos Bur-

dalues, Massillons, Bossuets; e se nos fosse licito recorrer a personalidades (a) mostrariamos que tem havido muitos, que tendo em seu favor a aura popular, faltava-lhes o cabedal proprio para formarem um discurso bem ordenado, e por isso os seus sermões consistião em anthitezes, frases repetidas, lugares communs, cozendo pedaços que mal sabião alinhar; não ha dialectica, nem força de argumentação, e destituídos daquella eloquencia que move, arrebatá, e persuade; e

(a) He sempre penoso a um escritor de probidade expor aos olhos do publico factos por onde venhão d'algum modo a conhecerem-se os desvarios de certos escritores, que arrastados ou pelo amor proprio, ou por sua ignorancia, querem figurar na republica das letras, e em vez de ganharem credito e reputação, vem pelas suas produções a perder o que se persuadião adquirir. Se não respeitassemos as leis da moderação, e da decencia, e fossemos da tempera d'aquelles, que levados de paixões indiscretas, ou de um torpe lucro, fazem gemer os prelos publicando escritos em que a moral, os costumes, e a sociedade nada interessão; quanto não poderíamos dizer a respeito de alguns que são devedores ao Sr. Balbi dos maiores elogios! Um destes pregou, e fez imprimir um sermão, que chegou a desafiar a impaciencia do publico instruido, e que seu auctor se viu obrigado a esconder. A decencia oratoria se vê ali assás affrontada. Bem deveria saber o auctor (pois tinha essa rigorosa obrigação), que esta desterra a elocução de todas as palayras baixas, e indecentes, e que o estylo deve ser puro, preciso, e natural; e que o objecto d'aquella oração sagrada pedia elegancia, grandeza, e dignidade.

por isso já dizia o sabio Platão, que um discurso só he eloquente, quando opera sobre a alma do ouvinte. A eloquencia, diz um gravissimo escritor (a), he um talento concedido pela natureza a poucos. Os bons oradores são raros, porque são mui raros os homens dotados daquella penetração, extensão, e exquizado juizo necessario para discernir o verdadeiro, e faze-lo evidente; porque em fim são mui singulares aquellas almas delicadas que sintão interiormente a impressão dos objectos de suas meditações, e que possam traspassar ao coração do ouvinte os affectos de que estão possuidos. Homens de muito pezo, e authoridade na republica das letras não deixão de conhecer que nestes ultimos tempos tem sahido a lume alguns sermões que não são mais que fraquissimas produções, e que o estilo florido, brando, e pouco varonil, e pobreza de ideias, são ás luzes de toda a evidencia defeitos muito ordinarios. Ha pouco tempo lemos dois sermões inseridos em certo jornal, que apezar da reputação litteraria de seu auctor, gabos, e louvores de que o cobre o Sr. Balbi, não são mais que seccas, e informes dissertações, e este o defeito que sempre notamos em os

(a) Capmany y de Montpalau, Filozof. da Eloq. tom. I. pag. 17.

pregadores de certa escola. São os taes sermões mais verbozos, que eloquentes. Não tem uma linguagem pura; períodos de legoa, uma obscuridade insuportavel, não se achão aquelles rasgos impetuosos, e patheticos, que fazem n'alma uma impressão viva que a mova, e a obrigue a render-se ao peso da verdade.

A decadencia succede muitas vezes a uma idade de perfeição (a), e parece a vemos verificada em alguns ramos da nossa litteratura. He por tanto indubitavel, que depois do máu methodo que entre nós tinham adoptado os nossos oradores, o P.^o José Pegado (b) trabalhou quanto pôde para que o ministerio do pulpito subisse a um gráu de esplendor, aperfeiçoamento, e dignidade, pois assim como os P.^{es} Sinault, e Lingenés forão os primeiros que em França conhecerão as regras da decencia, e uzarão de methodo,

(a) Quem poderá duvidar que as escolas d'Athenas, e de Roma produzirão homens eloquentissimos? Todavia depois de Demosthenes, e Eschines, Demetrio Phalerio foi o primeiro que se apartou destes bons modelos, e corrompeu a eloquencia entre os gregos. A eloquencia dos romanos ostentava toda a galla, nobreza, e sublimidade no tempo em que viveu Cícero, e veio a decahir do seu esplendor, e magestade no tempo de Tibério.

(b) Nasceu em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1726. Teve por mestre o P.^o João Baptista, da congregação do Oratorio, o primeiro que entre nós sacudiu o jugo

ordem, e de uma linguagem sublime, e propria para se tratarem na cadeira evangelica os objectos do dogma, e da moral; da mesma sorte o P.^o Pegado fez conhecer que os pregadores que lhe precederão, e que se tinham esquecido daquelles que florecerão no mais bello seculo da nossa literatura, quão longe estavam do fim a que se deve encaminhar o orador christão, e que os discursos que ainda se pronunciavão não erão mais que um contexto informe de pensamentos requintados, fastidiosas hyperboles, lugares da Escriitura violentados, torcidos, e acomodados ao caprixo, e fantazia do pregador, e todos concebidos em um estilo baixo, e viciozo. O P.^o José Pegado conhecia quanto era difficultozo arrancar abuzos inveterados, e que as ideias, e preocupações absurdas dominavão ainda nos melhores genios, sem haver quem se atrevesse a dissipar a nuvem espessa

aristotelico. De tão sabio mestre ouviu elle as lições de Filozofia, e Theologia. Na Universidade de Coimbra se graduou na faculdade dos sagrados Canones. Dedicou-se ao ministerio do pulpito, e ensinou aos pregadores de seu tempo as regras da verdadeira eloquencia; porem quando dos talentos, e virtudes deste benemerito ecclesiastico se esperavão grandes serviços feitos á Igreja, e ao Estado, a morte o ceifou em flor aos 25 de Janeiro de 1754. O seu panegerista foi Miguel Martins d'Araujo, o qual tambem compoz e ordenou o elogio de Alexandre de Gusmão, e ambos se fizeram publicos por meio da impressão.

de tantos erros, nem affastar-se um só passo do caminho que tinham seguido seus mestres. Denodadamente se oppoz a este methodo. O primeiro sermão que pregou em Coimbra foi na festividade que os estudantes costumavão fazer ao nosso Thaumaturgo Portuguez; pregou (diz o eloquente escritor que lhe teceu o elogio) como christão, e como quem queria entranhar no intimo do coração dos ouvintes o que devião imitar, e as razões fortes, e cheias de solida doutrina: foi attendido, e foi reprovado. A inveja, que lança mão de quaesquer armas em seu damno, junta com a ignorancia lhe declarou a mais acceza guerra. Muitos guiados pelo espirito de contradicção da verdade se deixárão esquecer dos principios da eloquencia que tinham estudado, e dizião proposições bem alheias delles mesmos. Outros que lanção mão dos sermões menos vulgares deixão repouzados nas estantes os Ambrozios, Chrisostomos e Agostinhos... não he crível (accrecenta o mesmo escritor) os desatinos em que romperão; esqueceu-se a doutrina, a prudencia, e o temor de Deos. José Pegado continuou com o seu costume: pregava a Lei do Evangelho, mostrava o santo costume da Igreja, e a origem dos abusos; e com razões fortes a que se não podia rezistir estranhava os vicios, e ensinava o modo de evita-los. Fallava na sua lingua despi-

da do vil ornato e affectado daquella falsa harmonia que não dá lugar ao exercicio da mais nobre potencia d'alma. Uzava da eloquencia verdadeira, e ainda os preoccupados se rendião sem violencia; tal era a sua força. Porem que furioza tempestade se não levantou contra este verdadeiro, e apostolico orador na occasião de pregar na Santa Igreja Patriarchal o sermão da Soledade da Santa Virgem! Foi accusado ao Eminentissimo Prelado, e este obrigado a mandar examinar o sermão pelos sabios mais distinctos, e principalmente por um ecclesiastico qualificado por virtudes, e letras, e até pela humildade com que regeitou um grande bispado. A censura do sermão, os elogios que tributarão ao orador christão, desarmarão as invectivas de seus inimigos, e emudecerão com o triumpho que gloriozamente alcançou. Para credito deste grande homem (diz o seu panegirista) mereceu que o sermão de Santo Antonio pregado em Coimbra, e que a instancias de alguns amigos, e intelligentes deu á luz, obtivesse a distincta honra de ser louvado pelos sabios jornalistas de Paris; e nos louvores que lhe dão castigão com douda gravidade seus contrarios. Prevaleceu ainda o máo uzo de tal sorte, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha Saldanha se viu obrigado a fallar em uma das suas pastoraes contra estes abuzos intro-

duzidos na cadeira evangelica, admoestando aos pregadores a pratica de uma eloquencia digna do lugar, e dos objectos sagrados; não faltando entre nós homens zelozos (a), que escrevessem contra o máo methodo. Elles fizerão conhecer que estavamos não só mui distantes de praticar as regras, e os preceitos que nos deixarão os Granadas, e Valerios; mas que os Ceitas, os Mendoças, um Fr. Thomaz da Costa, e Fr. Pedro Calvo, e outros portuguezes que florecerão em um seculo entre nós de muitas luzes, erão modelos ou desconhecidos, ou desprezados; e confrontados os sermões dos Padres Gouvea, Diogo da Annunciação, e D. João Evangelista, conego regular de Santo Agostinho, com outros oradores do mesmo tempo, havia a mais estranha, e notavel differença. O merecimento dos oradores que deixamos designados poderíamos qualificar com testemunho, não de homens rançozos, e de gosto estragado; mas de sabios modernos, e de tacto fino, e concedores das regras da verdadeira eloquencia. As reflexões destes sabios dão bem a conhecer que a arte oratoria não está entre nós elevada a um gráo quanto era para dezejar. Satisfazemo-nos tão sómente em copiar o que

(a) Fr. Manoel da Esperança, Verdad. Method. de Preg. tomo 2.^o Vernei, Method. de Estud. cart. 5.^a, e 6.^a

Acerca de Fr. Pedro Calvo se acha escrito
 pelos compiladores do novo dictionario por-
 tuguez publicado pela Real Academia das
 Sciencias de Lisboa, em o catalogo dos au-
 cttores, e noticias biograficas, a pag. LXXII.
 Quanto fora para dezejear (fallando das ho-
 milias de Fr. Pedro Calvo) que estas instruc-
 ções familiares, tão accomodadas á compre-
 hensão do povo, e ainda de muitos, que ape-
 zar de se não haverem na conta de povo, não
 são melhor que elle instruidos nos principios
 da religião, estivessem mais em uzo; e que
 o exemplo do P.^o Fr. Pedro Calvo, ou como
 deve dizer-se, o dos santos Padres que elle
 segue, se houvesse mais geralmente pratica-
 do. Se um tal methodo por isso que o mais
 conforme á simplicidade evangelica, o mais
 conveniente á instrucção universal, prevale-
 cera, as almas se nutrirão e fortificarão sub-
 stancialmente com o saudavel pasto da boa
 doutrina, pois esta se lhes ministraria então,
 assim como he, pura, clara, singella, sem
 mais adornos que os da sua natural belleza,
 nem outros esforços mais que os da sua in-
 genita efficacia assás poderosa a excitar os
 movimentos que inspirão a conversão. Divi-
 zões engenhozas, ideias reiteradas, e mal dis-
 tribuidas, conceitos subtis, provas violentas,
 ou fracas, uma moral prazenteira, e meiga
 aos ouvidos mundanos, imagens só pelo co-

lorido vivas, o tropel de amontoadas figuras, alluzões picantes, invectivas pueris, um estilo florido, rasgos brilhantes, frases estrepitozas, periodos meramente sonoros, e quaesquer outros semelhantes artificios pompozos, e estudados, sim tem servido algumas vezes no pulpito a certos oradores de lhes grangearem applauzos momentaneos, e temporaes interesses; mas nunca forão as armas de que se ajudarão os varões apostolicos para debellar vicios, destruir erros, e ganhar victorias a favor do Ceo contra o mundo pervertido pelos ardis, e suggestões do commum adversario."

De qualquer modo que os pregadores que deixamos designados sejam considerados, não se lhes pode roubar a gloria de que em seus discursos sagrados se acha grande copia de erudição, eloquencia bem entendida, fundada na lição dos Padres, e das santas Escrituras, solidez de doutrina, culto estilo, e pureza de linguagem.

Não será para estranhar o fazermos lembrança dos pregadores que florescerão entre nós em tempos mais vizinhos, e que talvez devessem ser imitados por alguns a quem o Sr. Balbi coroa de tantos elogios. Taes são: Fr. Sebastião de Santo Antonio. A'cerca deste insigne orador, outro de merecimento bem conhecido, e elevado á dignidade episcopal,

lendo os sermões de Fr. Sebastião confessa serem elles dignos de apreço pela moral, solidiez, e proveitoza doutrina em que estão concebidos. O erudito P.^o José Agostinho de Macedo em o tomo primeiro da obra que publicou e tem por titulo *Motim Literario* tributa ao benemerito orador este elogio: " Até os nossos dias eu não conheço homem mais eloquente, mais sizudo, mais natural, de maior delicadeza, e tacto oratorio do que o religioso arrabido Fr. Sebastião de Santo Antonio: julguem e profundem a censura que lhe fez Fr. João Baptista de S. Caetano, monge benedictino, e qual he o elogio do censor, e do censurado, reconhecer-se-ha que este douto monge tinha ajustadas ideias da eloquencia. Não sei porque motivo este grande homem tinha vivido tão ignorado. Ha uma grande analogia entre a fortuna dos homens, e a fortuna dos livros: ha homens sem merito nomeados, e famosos, outros que merecem a immortalidade morrem, e vivem na obscuridade." Esta judicioza reflexão quadra, e assenta bem em muitos artigos ao Sr. Balbi. Os sermões do P.^o Fr. Sebastião não agradão á maior parte dos nossos pregadores por não terem um estilo inchado, frases estrepitozas, e outros defeitos de que abundão tantos sermonarios que tem entre nós depravado o gosto da eloquencia; porque o gosto

he um discernimento delicado, e que se adquire com a lição dos bons modelos. O escriptor lembra oradores ha muitos annos fallecidos, e que lhe parecerão de bom nome; deveria recordar-se de Fr. Francisco da Conceição, ou do Monte (a), eremita agostiniano; Fr. José do Coração de Jesus (b); P.^o Gabriel Ferreira Rego; D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia (c); Fr. Joaquim For-

(a) Fr. Francisco da Conceição nasceu em Lisboa a 26 d'Outubro de 1711, professou em 13 de Setembro de 1729: era conhecido pelo nome de Fr. Francisco do Monte, em razão de ser muitos annos capellão na igreja de Nossa Senhora do Monte, antiga fundação dos religiosos daquella ordem: morreu no convento da Graça em 28 de Janeiro de 1797. He seu um elogio latino em louvor do P.^o M.^o Fr. Estevão de S. Angelo, que vem na obra *Jardim Carmelitano* tomo I. Deixou dois volumes in folio de sermões varios, que se não imprimirão.

(b) Foi natural de Lisboa. O seu retrato o pinta com as mais vivas cores um sabio de tanto pezo, e authoridade, como o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, em a noticia sobre Almeno (assim era chamado como Poeta este Orador insigne). Em a prefacção da traducção das Metamorfozes de Ovidio a pag. 7, e 8, fallando dos seus discursos sagrados diz: "que não só fallava com persuasão, mas tinha o feliz talento que nem sempre anda vinculado com a eloquencia da voz... Apparecerá um dia ao publico como orador em seu proprio nome, e em toda a sua gloria, e dignidade; e na estampa de suas orações, e discursos sagrados ver-se-ha a religião, a lingua, e a eloquencia portugueza em seu magnifico triumpho."

(c) Nasceu na ilha do Faial em 1736. Professou no

jaz (a), e outros. O escritor poderá lançar-nos em rosto que o seu *Ensaio* principalmente no ramo de literatura só tinha em vista tratar dos que existião; mas esta asserção se desmente a cada passo, pois em alguns os notou.

Temos pois qualificados motivos de nos queixarmos da sua omissão, não soffrendo de bom grado o deixar em silencio a muitos oradores acreditados, e que existião quando tinha entre mãos o seu decantado *Ensaio*. E dos que ainda existem que razões teria o Sr. Balbi para não designar ao menos como orador distincto (já que o não fez como literato, no que lhe não fazia favor) ao D. Prior mór da Ordem de Christo Luiz Antonio Fur-

Real Seminario de Brancanes em 1761. Foi sagrado Bispo de Malaca em 1783. Morreu em 1817 na ilha Terceira occupando a cadeira episcopal d'Angra mui pouco tempo. Foi seu successor D. Fr. Manoel Nicoláo d'Almeida, carmelita calçado, theologo distincto, e orador acreditado. Falleceu em 1825.

(a) Nasceu em Corel junto da villa das Caldas da Rainha. Professou o instituto agostiniano em 15 de Abril de 1758. Foi pregador ordinario de Sua Magestade, e professor de Theologia. Socio do numero da Academia Real da Historia Portugueza, da Arcadia de Roma, e das Sciencias de Lisboa. Chronista da sua ordem, e Deputado da Junta da Bolla da Cruzada. Foi D. Prior mór da Ordem de S. Bento d'Aviz. Falleceu em Lisboa a 30 d'Outubro de 1798, e jaz sepultado no convento da Graça.

tado de Mendonça? E para se não recordar do P.º M.º Doutor Fr. José d'Aquino, monge beneditino, e nesse tempo Decano da faculdade de Theologia na universidade de Coimbra? Esquecerem o P.º M.º Doutor D. Fr. José Maria de Santa Anna Noronha, religioso da congregação de S. Paulo primeiro Eremita, e actual Bispo de Bragança; Fr. Dionyzio do Sacramento (a); e Fr. Caetano da Piedade, tão conhecido neste reino, e que mereceu ao corpo academico da universidade de Coimbra, quando a esta cidade foi missionar, os maiores elogios, sendo universalmente reputado como o *Homem sabio*, e *Orador eloquente*? Que motivo haveria para o escritor, ou quem para semelhantes noticias consultou, lembrarem alguns ... e ficarem esquecidos os pregadores regios P.º M.º Fr. Philippe Pato Torrezão, e Fr. Manoel Antonio Pelouro, carmelitas calçados; o P.º M.º Doutor Fr. José da Conceição, dos Agostinhos descalços; e Fr. José Leonardo, Dominicano? Poderíamos ajuntar a este numero outros, que supposto não subão com frequen-

(a) Este orador morreu em Outubro de 1824. A natureza o dotou de grandes talentos; elles sobressahão por um character cheio de dignidade, uma acção vivissima, persuasão insinuante; e a ordem, e formalidade em seus discursos sagrados, e outras prendas o constituirão um dos maiores oradores.

cia aos pulpitos, todavia as vezes que exercitão este santo, e respeitavel ministerio o desempenhão com dignidade; e não prostituimos a nossa penna quando a estes oradores juntamos o respeitavel nome do P.^o M.^o Doutor Fr. Joaquim Rodrigues, eremita agostiniano, e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Do que levamos escrito podemos concluir, que paixões particulares, e indiscretas motivarão esta exclusão, e apparecerão em pompozo, e magnifico triumpho alguns!... Resta concluirmos nossas reflexões ácerca deste artigo, pois se as circumstancias o permittirem, não obstante a pezáda carga de annos que nos opprime, promettemos publicar: *Reflexões sobre a eloquencia sagrada, e o abuzo, e mal entendida liberdade que alguns nestes ultimos tempos tem introduzido*. Satisfazemo-nos no emtanto de mostrar aos olhos do publico instruido, que dezejaríamos houvesse o mais attento, e escrupuloso cuidado na escolha d'aquelles (a) que

(a) O ministerio de pregar aos povos a Divina Palavra he de tanto pezo, e authoridade; e tanto no seu justo desempenho interessa a Igreja, e o Estado, quanto requer sciencia, virtudes, e bom exemplo da parte de quem a annuncia, que a immortal Rainha a senhora D. Maria I, por avizo, e carta de participação expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em o anno de 1780, recomenda aos senhores Arcebispos, e Bispos destes reinos o seguinte: « Recomendo-vos

devem exercitar um ministerio tão sagrado, e de que tanto depende o esplendor da Religião, a instrucção dos povos, e a edificação dos fieis; devendo-se ter em vista o que recomendão os padres do Concilio Toletano 8 can. 8: *Nullus ad sacra veniat indoctus, nullus ignorantiae cæcutius: sed quem morum innocentia, et literarum splendor redunt illustrem*; e que se preenchessem as saudaveis admoestações que tantos Bispos tem feito em suas pastoraes, principalmente a do Bispo d'Aveiro D. Antonio José Cordeiro, queixando-se de muitos pregadores que se tem extraviado do verdadeiro caminho, tomando uma liberdade, e soltura muito alheia do seu santo ministerio, e que devendo (diz o mesmo tão sabio como exemplarissimo prelado) subir á cadeira da verdade para annunciarem

a mais exacta, e seria averiguação sobre a perfeita idoneidade dos parochos que deveis escolher, ou approvar, instituindo somente aquelles que forem capazes do deposito que se lhes entrega, sobre a doutrina, e costumes dos ministros que authorizaes para a administração dos sacramentos da penitencia, e para annunciarem o Evangelho da cadeira, ou do pulpito, não permittindo este apostolico exercício a ministros ou ignorantes, ou que desmintão com a vida a mesma moral que pregão. Desta sorte será a Religião defendida contra os ataques da incredulidade e da superstição, e conservará a sua pureza, que não pode menos ser alterada pelos seus inimigos do que pelos seus ministros indignos, e pouco illustrados.”

com respeito, e dignidade qual convem a um ministro do Evangelho, apparecem no meio do santuario como mercenarios declaradores.... Devendo subir á cadeira penetrados dos sentimentos dignos das sublimes verdades que vão annunciar, muitos só ostentão com pompa de palavras modos theatraes, e descomedidos, discursos tão vãos, como estereis. " Nós vos advertimos, e rogamos (exhortando o mesmo sabio prelado aos ministros do Evangelho), que desterreis do pulpito todas estas imagens e comparações improprias e indecentes, que a ignorancia e o gosto estragado da eloquencia introduz muitas vezes naquelle lugar, e que só servem para enfraquecer a Palavra santa do Senhor, que de si he nobre e magestoza para persuadir e convencer. Fugi de todos estes discursos vãos e frivolos, e onde brilhão mais as palavras do que os pensamentos solidos e as verdades, e que apparecendo todos carregados de enfeites e adornos profanos, que agradão por um momento, dão bem a conhecer aos ouvintes sensatos a pobreza do orador, e a indecencia, com que elle trata os argumentos sublimes da Religião." Veja-se de pag. 80, até 83.

Em quanto á classe de outros oradores devemos notar ao escritor, que não havendo em Portugal o uzo de fallar extemporanea-

mente em materias civis e politicas na qualidade de oradores, assás nos admiramos que o auctor queira no primeiro ensaio achar oradores que possam competir com os das camaras de França, e Inglaterra: pouco faltou para os igualar com os de Athenas, e de Roma. Todavia não pertendemos desmentir o escritor quando entre a classe desses oradores designa alguns de bom e atilado engenho, e já conhecidos por seus escritos (a); soffra porem o auctor do *Ensaio* estas reflexões. Elle não pode duvidar que a Inglaterra tem produzido homens insignes em a eloquencia deste genero, e que as Camaras dos Pares, e dos Communs são compostas de membros que tiverão educação literaria, e a quem serve de nobre, e generoso estímulo o eminente lugar que occupão, e alta dignidade a que estão elevados, e não degenerarem do exemplo que lhes deixarão como em precioza herança seus maiores: " Pois nestas Camaras (diz Mr. Knox) que deveria ser commun achar-se alli excellentes oradores, he

(a) Julgamos não exceder os limites da moderação quando ouzamos affirmar que alguns discursos que nesse tempo se publicarão, a dignidade portugueza, a decencia publica, a urbanidade politica, virtudes que devem formar o caracter do homem de probidade, se achão desterradas de semelhantes escritos dictados mais pelo teimozo orgulho do filozofismo, do que inspirados pelos dictames da prudencia, da razão, e da justiça.

mui difficil o poder achar alguns Pares, cuja eloquencia haja sido aperfeiçoada pelo gosto, e cujos discursos possam servir de modelo.... Alguns Lords do partido da opposição se tem deixado de gritarias e de furores; porem não lhes tem sido tão facil evitar a incorrecção do estilo, e o máu gosto e desordem em suas ideias. O odio, e inimizades pessoaes hão produzido expressões injuriozas, que agradão aos partidos; porem perguntaria eu: os mais celebres oradores da Camara alta tem deixado um volume dos discursos oratorios, que possamos citar como obras classicas, ou po-los a pár dos que forão nossos mestres? He mui sensivel (continua Mr. Knox) que o furor dos partidos, e a baixeza das venalidades hajão desterrado de uma das mais augustas assembleas da Europa aquelle gosto, exacção, e decencia, sem cujas qualidades não pode haver verdadeira eloquencia." O Sr. Balbi, como tão instruido na historia literaria dos estrangeiros (na de Portugal não forão mui felizes as suas indagações), não ignora que os modernissimos Fox, e Pitt forão reputados como distinctos oradores; pois Fox tido pelo primeiro orador do Parlamento, dotado de calor, e vehemencia em seus argumentos, de uma logica exacta, e a quem todos os movimentos, e affectos oratorios erão tão naturaes, e cuja eloquencia, á semelhança de uma tor-

rente impetuoza, arrebatava a attenção de todos; Fox que possuia o raro talento de resumir em poucas palavras discursos de muitas horas, rebatendo os argumentos de seus contrarios, e fazendo apparecer a verdade como em triumpho; este orador, apesar de tão dignas qualidades, carecia de graça, e dignidade. Do grande Pitt se escreve que não reunia os dotes, que constituem um perfeito orador, e que não obstante a correcção, elegancia, facilidade de estilo, animando os seus discursos com aquella dignidade, e prezença de espirito, que tanto requer quem falla em publico; Pitt era pobre de imagens, encarecido, e terrivel em suas apostrofes. Mr. Windham discipulo do magestoso e eloquentissimo Burke, não falta quem o taxe de desmedida subtilidade, e obscuridade em seus discursos; elle gozava a reputação de orador metafizico. Ainda que nos lembremos destes oradores, assim como de William Pultney, Conde de Bath, Conde de Chatam, e estes tenham grangeado grandes applauzos, e logrado grandes triumphos, convem os criticos inglezes (a) que seus successores lhes levarão vantagem, e que estes tinham estudado mais a arte oratoria, e tinham concluido que não basta para ser orador ter alguns rasgos

(a) Veja-se: Essays Moral and Litterary tomo 2.º

vehementes, que todo o homem dominado pela paixão he capaz de produzir, senão que he necessario ordem em as ideias, elocução sustentada no verdadeiro gosto, vinculada a objectos grandes, interessantes, e sublimes. Do que deixamos escrito, e de muitas reflexões que poderíamos fazer, e argumentos que adduzimos, confronte o Sr. Balbi, e tire as consequencias que bem lhe aprouver.



Poezia.

Pag. CXCIIL. A Poezia, a primeira de todas as artes liberaes, e que brilha em uma nação civilizada; a este ameno, e agradável estudo se tem dado os portuguezes. Não só auctores nacionaes, mas ainda estranhos (a), não duvidão affirmar, que a Poezia foi a primeira inclinação da nação luzitana. *Lusitani in Poetica, ut et in Musica regnare feruntur mira animi propensione velut enthusiasmo rapti.* Seria avultar muito o corpo de nossas reflexões a este respeito, se houvessemos de mostrar todos os poetas, que datão entre nós da mais remota antiguidade. Temos lido, que

(a) Veja-se a Nicolau Ant. Bibliot. Hispanic. tom. 2.º class. Poetarum.

as eclogas de Bernardim Ribeiro são as mais antigas, que em Hespanha se conhecem, sem fazermos lembrança das poezias delRei D. Diniz, e do Infante D. Pedro. Tratando pois dos nossos poetas, basta para credito dos portuguezes terem um Luiz de Camões! E não he pequena gloria para a nação emparelhar com a italiana, produzindo na Europa a primeira Tragedia em estilo puro, e correcto. A tragedia da infelicissima D. Ignez de Castro, não obstante a menos profunda filozofia do seculo em que o Doutor Antonio Ferreira a publicou, e algumas durezas no verso, apezar deste defeito (pois bem poucas obras estão izentas delles) está tão esmaltada de bellezas, e elegancias, que será sempre reconhecida entre os bons entendedores, como um dos melhores monumentos do Parnazo portuguez. Todavia tendo em o seculo de quinhentos florecido poetas dignos do nome portuguez, a Poezia padeceu seus eclipses, principalmente nos reinados dos senhores reis D. Pedro II, e D. João V, não faltando entre nós quem corrompesse o decoro das Muzas, e perturbasse as puras, e cristalinas aguas da Castalia fonte.

Já em outro lugar deste opusculo fizemos conhecer ao Sr. Balbi o estado, a que tinha chegado a depravação do gosto, e que ainda os poetas de maior nome nos reinados,

que deixamos indicados, não só ignoravão os preceitos da arte, mas faltava-lhes o estudo da natureza, e da lingua. Suas composições poeticas erão destituidas de harmonia, doçura, e suavidade. Estavão persuadidos que um estilo empolado, jogos de palavras pueris, ociozos vocabulos, antithezes frias, e impertinentes equivocos, que nada significavão, com estas prendas merecião os louvores de Apollo. He pois indubitavel que os membros, de que se compunha o illustre corpo da Arcadia, tão benemeritos da patria, como da nossa literatura, chamarão outra vez as discretas Muzas, que insulsos versificadores tinham espancado, afugentando-as do Parnazo portuguez. O immortal Garção, a quem um claro engenho (a) não duvidou reputar como Restaurador da Poezia portugueza, foi quem mais as affagou e acolheu: este homem tão acreditado entre os portuguezes, pouco faltou para que o Sr. Balbi o deixasse no mais escandalozo esquecimento; e não appareceria quazi no fim do *Ensaio*, se o auctor, que tambem merece o nome de compilador, não extrahisse algumas noticias dos jornaes literarios do doutissimo portuguez José Correa da Serra. Deveria o bom Garção merecer ao Sr. Balbi um artigo separado, como poeta li-

(a) Francisco Dias Gomes, em suas poezias pag. 144.

rico, ou talvez um dos primeiros liricos entre os portuguezes modernos, e até mui distincto pela pureza de linguagem, cujas odes o constituem o *Horacio luzitano*. Merecia mais alguma attenção Domingos dos Reis Quita, membro da Arcadia: sua *Licore* he uma das melhores composições daquelle genero, que se acha entre os poetas de todas as nações: he igualmente acreditado pela pureza da dicção. Deveria ser lembrado tambem como lirico Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo: seu he o epitome da vida do poeta de que já fizemos menção, Domingos dos Reis Quita, e que vem na segunda edição: suas obras são bem conhecidas pelo seu distincto merecimento. Não se faz memoria (fazendo-a de outros poetas ha muitos annos fallecidos) de Candido Luzitano, de que são abonadas testemunhas muitas, e excellentes composições suas poeticas, e com muita especialidade as suas traduções de Horacio, e Racine. João Xavier de Mattos, poeta melifluo, e amêno; Joaquim Ignacio de Seixas; Domingos Caldas Barboza; Joaquim Franco d'Araujo Barboza; o Abbade de Jazente Theodoro de Souza Maldonado; Joaquim Severino Ferraz de Campos; Antonio Bersane Leite de Paula; Anacleto da Silva Moraes; Theotonio Gomes de Carvalho, denominado na Arcadia portugueza *Tirse*; e Francisco

Dias Gomes. Este polidissimo escritor era digno de ser lembrado, não só como poeta, mas ainda como um dos mais insignes cultores da lingua portugueza. A Real Academia das Sciencias de Lisboa, solícita em perpetuar a memoria daquelles homens, que tanto promoverão o progresso, e adiantamento da nossa literatura, não só mandou sahir á luz publica, por meio da impressão, as obras de Francisco Dias Gomes, mas assignalou a sua piedade permittindo que o producto dellas redundasse a beneficio da desvalida viuva, e de seus filhos orfãos. Em verdade: não nos poderão reputar apaixonado, e parcial pelas obras deste poeta, quando produzimos o testemunho do sabio academico (a), a quem forão comettidos o exame, e a censura das obras de Francisco Dias Gomes, o qual em a breve noticia da vida, e obras do auctor, a pag. XVIII as qualifica da maneira seguinte: " Com tudo devo dizer em obzequio da verdade, e por honra de seu auctor, que as composições poeticas e as annotações, que elle mesmo lhe fez, são, em quanto a mim, o mais perfeito modelo, que nestes ultimos tempos se tem entre nós publicado digno de

(a). O Ex.^{mo} senhor Francisco de Borja Garção Stockler, Barão da Villa da Praia, e Tenente General dos Reacs Exercitos.

- apresentar-se aos olhos de quem pertende escrever com pureza no idioma portuguez. Pelo menos são certamente bem poucos os escritos do nosso tempo, que neste artigo se possam mostrar izentos de nodoa: e não sei que haja um só, o qual seu auctor tomasse o trabalho de anotar como Francisco Dias, com tantas, e tão bem escolhidas observações criticas sobre a indole particular da nossa lingua, e sobre as diversas elegancias, e maneiras de expressar, que determinão, por assim o dizer, o seu character. A elegancia, e pureza são com effeito as virtudes, que mais sobresaem nas composições deste escritor, e que realmente as fazem dignas de mui particular apreço, principalmente em um tempo, em que os rapidos progressos do espirito humano em todo o genero, tendo feito indispensavel a frequente leitura dos livros estrangeiros, tem dado occasião a que pessoas destituidas do conhecimento, e estudo filozofico de nossa lingua materna, tenham introduzido nella, por meio de milhares de traduções impuras, e acceleradamente feitas, uma prodigioza quantidade de termos, e frases peregrinas, que sem aperfeiçoa-la, nem enriquece-la, a tem notavelmente adulterado."

Não mettemos na classe dos poetas a José Anastacio da Cunha. As suas composi-

ções em verso, que se lêem em um dos números do Investigador Portuguez em Inglaterra, longe de honrarem a Poezia portugueza, só lhe servirão de descredito, se como mathematico não merecesse um lugar distincto entre os sabios portuguezes.

Não podemos deixar de avivar a lembrança de uns poetas, que tanta honra derão ao Parnazo Portuguez. José Bazilio da Gama, Arcade Romano, auctor dos Poemas intitulados — Uruguai, e Quitubia —, que correm impressos: homem de finissimo gosto. Todas as suas composições são bem metrificadas, e em um estilo verdadeiramente proprio, e original. Dom raro concedido a poucos escritores: e o Desembargador Domingos Monteiro do Amaral e Albuquerque. As suas composições poeticas, e as glozas em decimas, em nosso conceito, são neste genero de mui distincto merecimento. Em seus escritos quem deixará de conhecer nelles todos os primores de um escritor verdadeiramente classico? Merece-nos grata memoria o Desembargador do Paço, Chanceller mór do Reino, Manoel Nicoláo Esteves Negrão; e Feliciano Alvares da Costa. Para credito de seus nomes basta dizer, que ambos erão Arcades Lusitanos: sociedade que tanto contribuiu para o bom gosto e restauração das Letras em Portugal. Cumpre em fim dizer

que lamentaremos sempre a falta de se não terem atégora publicado as composições poeticas de um Portuguez respeitavel não só por sua alta jerarchia, mas por suas raras qualidades merecedor de que a sua effigie se veja adornada de emblemas honorificos á sua memoria, gravando-se-lhe justamente esta epigrafe = *Qui mores hominum multorum vidit, et urbes.* = Se os seus apologos se publicassem, talvez pelos homens de tacto fino elle fosse reputado como o *La Fontaine Portuguez*: não fallando em suas composições dramaticas de mui distincto merecimento.

~~~~~

*Pintura.*

Pag. CXCIIL. Vamos a tratar d'um objecto, que ao Sr. Balbi parecerá muito alheio da nossa profissão: Ouzamos porem affirmar, se não professamos as artes, o genio e natural inclinação fez as tivéssemos em grande apreço, dando ao seu estudo alguma applicação, merecendo a muitos professores nelle as insignes alguns elogios, extremando-se nestes o profundo Cyrilo Volckmar Machado. Este artista nos deixou os seus manuscritos, dos quaes fomos o editor como o publico foi informado quando se publicou a collecção



das memorias relativas ás vidas dos pintores, gravadores, escultores etc. ás quaes fizemos o avizo, as notas, e algumas reflexões sobre a vida, merecimento, e estudos do auctor. Sentimos não podermos escrever mais estendidamente ácerca da pintura (a), pois quan-

(a) Já em outro lugar nos queixamos da pouca exactidão com que a maior parte dos estrangeiros fallão das nossas coizas, e o quanto nos affrontão reputando a nação portugueza pouco afeiçoada ás bellas artes. O Duque de Chatelet (*Voyage duci-devant Duc du Chatelet en Portugal* tom. 2. pag. 84) avança mais: Les beaux arts sont en Portugal, au niveau des autres sciences. Ou ny connoit pas un peintre, pas un architele qui mérite d'être cité. Eis aqui como discorrem a nosso respeito os que tem vindo a Portugal. Não he para espantar que assim julguem, e escrevão, quando já houve quem (*Veja-se as Viagens do Principe de Neuviet*, tom. 3. pag. 268) affirmasse, que a estatua do senhor D. José I era do senhor D. João I, e estava collocada no cáes do Sodré; e supposto que na pag. seguinte declara ser na praça do Commercio, todavia não emenda o nome do rei. Outro affirmou, que examinando (perdeu o tempo) todas as collecções de pinturas em Lisboa achara que erão copias, não havendo um só original dos mais acreditados artistas. Outro tanto não podia dizer Junot, pois já tinha encaixotado (deste paiz aonde se não estimão as artes, e nada ha neste genero que preste) para mandar para França quadros originaes de André Sacck, Rubens, Salvador Roza, Wandycck, pois deste famoso artista he o quadro da Crucifixão do Salvador, roubado do convento de Bemfica, que depois felizmente lhe foi restituído. A semelhantes escriptores cheios de ligeireza poderíamos mostrar que a nação portugueza não está tão adormecida em as artes como elles se persuadem, e que a pintura foi sempre es-

do tratamos das bellas artes, o animo se deleita, e a penna corre de boa vontade.

Portugal, diz o escritor, conta poucos pintores; e os mais celebrados dos antigos pertencião á escola hespanhola, como Nico-

---

timada, e assás prezada por muitos nacionaes. Sabido he, que o incendio que se seguiu ao espantoso terremoto do 1.º de Novembro de 1755, consumiu bellissimas collecções que ornávão uma grande parte dos palacios de Lisboa, de muitas igrejas, e conventos, e ainda de bastantes particulares. O palacio dos condes da Ericeira, hoje Marquezes de Lourical, desmantelado pelas convulções do fatal terremoto, e reduzido a um monte de ruinas, era depozito de monumentos preciosissimos em litteratura, pintura, e escultura. Pedro Guaranti, o melhor conhecedor das differentes escolas, examinou todas as collecções, e achou quadros originaes de grande merecimento. Elle foi quem, depois do nosso Francisco Vieira, qualificou ser do immortal Rafael de Urbino o admiravel quadro da Sagrada Familia, que entre tantos originaes sobresahe na riquissima galeria do excellentissimo Marquez de Alegrete. Do mesmo Rafael de Urbino he o painel da Santa Virgem, que está collocado em a igreja do seminario de Brancanes. Que pinturas admiraveis se não achão no real mosteiro de Alcobaga, e que seus respeitaveis monges, dignos dos mais subidos louvores, com a sua estimavel bibliotheca subtrahirão ao roubo, e ao incendio, que abrazou aquelle mosteiro na fatal, e barbara invazão de 1811? O pejo não subirá á face dos portuguezes podendo mostrar aos entendedores estrangeiros tantos originaes quantos embelezão os palacios dos excellentissimos marquezes de Abrantes, Borba, Angeja, Tancos, Lavradio, Bellas visconde da Bahia, e em caza de muitos particulares amadores das bellas artes. Por mais d'uma vez os satellites de Junot accezos nos mais vivos desejos procura



láu Coelho. Devemos confessar, que são entre nós mui escaças as noticias dos nossos primeiros pintores. Esta falta era sentida pelo immortal Cenaculo, e o desembargador Antonio Ribeiro dos Santos. Todavia por en-

---

rão em caza do excellentissimo marquez de Bellas descobrir o singular quadro da Santa Virgem do magesto-  
zo Parmigianino. Este preciozo original, assim como alguns de Teniery, Spanholetto, Rubens, Morales, cahirão nas garras dos usurpadores, se não tivessem sido conduzidos para o Rio de Janeiro. Desenganem-se pois os senhores estrangeiros, que em Portugal se não desprezão tanto as artes, como elles tão injusta e falsamente apregoão. Temos conhecido muitos portuguezes amadores das artes. Manoel Joaquim Colaço, e o P.<sup>o</sup> João Chrysostomo juntarão collecções excellentes, e de bom pincel. José Joaquim de Castro não só possui a melhor collecção de estampas as mais raras, e preciozas, mas ainda quadros de reconhecido merecimento. O P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. José Mayne, da Congregação da Terceira Ordem da Penitencia, e Confessor do senhor Rei D. Pedro III. Este religioso cultivou as sciencias, e prezou as artes; alem do preciozo Museu que deixou, com Beneplacito Regio, á administração da Academia, arranjou uma collecção de quadros dos pintores de melhor nota, que florescerão no seu tempo, sobresahindo entre estes os de Joaquim Manoel da Rocha, principalmente os de *natureza morta*, como buzios, conchas etc. que este insigne artista soube pintar com a maior verdade, composição, e toque magistral. Nas provincias temos visto alguns quadros de muito boa mão. No paço episcopal da Guarda a nossa curiosidade ficou plenamente satisfeita, vendo bellissimas pinturas, e algumas dellas nos parecerão de Thaddeo Zuccaro, Carlos Marata; e entre estas duas famozas architecturas, que nos roubarão a attenção. O conego Gerardo José Ro-

tre as espessas trevas desta incerteza ainda se descobrem alguns raios de luz, que dão a conhecer quando entre nós teve principio a nobre arte da pintura. Accuzamos a sobre dita obra de Cyrilo (a); e os amadores desta

drigues nos certificou, que o bispo D. João de Mendoça trouxera de Roma estas preciozidades. Tendo feito doce memoria d'alguns portuguezes desvellados pela pintura, e de quem podiamos tecer um diffuzo catalogo, se estas annotações o permittissem, fariamos uma gravissima injuria á memoria respeitavel do arcebispo de Evora D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, se não fosse lembrado neste escrito. Este sabio portuguez possuia uma collecção assás escolhida, e no meio de suas fadigas literarias prezava a pintura; e a sua historia não lhe era desconhecida, como dá a entender em algumas das suas obras. A este estudo se tem dado ainda os homens mais profundos em saber. O mesmo Montesquieu, a quem muitos dão o titulo de = Legislador das nações = absorvido em os estudos da mais alta consideração: o sabio Montesquieu prezava aquella nobre arte, que sabe roubar á natureza suas perfeições; e na viagem que de Veneza fez a Roma, occupou-se em examinar as obras primas da arte, que tanto enobrecem a esta capital. D'Alembert o declara em o elogio que tecer á memoria deste grande homem. « De Veneza, diz o escritor, chegou a Roma; e naquella antiga capital do mundo se applicou principalmente ao que mais a distingue até hoje, como são as obras de Rafael, Ticiano, e Miguel Angelo. He verdade que não havia feito estudo particular das bellas artes; porem a expressão que brilha em as obras magistraes desta especie, embelleza infallivelmente aos que tem superior talento, pois costumados a estudar a natureza, a reconhecem aonde está imitada.

(a) Prefacio, pag. 14.



nobre arte acharão comprovado o que affiançamos. Resta sómente dizer ao Sr. Balbi, que a escola da pintura em Portugal nunca foi a hespanhola. A restauração da arte, diz Cyrilo, começou pelo mesmo tempo em que principiou a monarchia portugueza; e os nossos historiadores fazem menção não só de algumas illuminações, e retratos do tempo de D. Affonso I, mas tambem d'um painel da tomada de Lisboa, que se conservou na igreja de Nossa Senhora dos Martyres até o tempo do terremoto. O insigne Fr. Luiz de Souza lembra em sua chronica um antiquissimo quadro da Adoração dos Reis, mandado fazer por elRei D. Diniz. A bandeira de Lisboa com a effigie do santo Padroeiro desta capital, no tempo do senhor D. João I, e que foi arvorada sobre as muralhas do castello de Ceuta, mostrava respeitavel antiguidade; e nenhum dos nossos historiadores certifica que o artifice fora hespanhol. Este esforçado quanto piedoso Monarcha no principio do seculo XV quando as artes já brilhavam na Italia, e apenas as outras nações começavam a devizar um escaço vislumbre, lançou os fundamentos ao convento da Batalha: edificio gothico, mas soberbo, magnifico, e de pasmoza architectura (a). Elle mandou

---

(a) Como nos temos desvelado em fallar das artes, e dos portuguezes nellas insignes, não julgamos super-

pintar as vidraças da igreja com passos da Escritura, segundo o uzo daquelles bons tempos. Quando seu irmão o Infante D. João, herdeiro da Coroa, estava agrilhado em Cas-

fluo dar alguma noticia ácerca de Mattheus Fernandes, um dos architectos do Real Mosteiro da Batalha. Desperta-nos ainda mais uma nota que descobrimos em a *Memoria Historica Sobre as Obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha*, e que ha pouco sahio do prelo. Seu digno auctor, que teve o *bello pensamento* de a publicar, e a quem respeitamos não só por seu elevado character, mas por seus amenos, e polidos escritos, não louva (ácerca do que vamos a dizer) o corpo de uma sociedade literaria a que tivemos a honra de pertencer. A pag. 12 diz o seguinte: »Cauza grande admiração, e com-  
»prova o que temos dito da negligencia dos Portugue-  
»zes, que nenhuma das pessoas que escreverão da Ba-  
»talha tenha feito (que nós saibamos) menção deste mo-  
»numento, que está tão patente e obvio, e que até se  
»faz notavel pela larga cercadura floreteada, que guar-  
»nece a campá, tudo obra do proprio tempo de Mat-  
»theus Fernandes. E admira não menos, que ainda no  
»anno de 1806, em que se executava o bello pensamen-  
»to de estampar os *Retratos e Bustos dos Varões e Do-*  
»»nas, que *illustrarão a nação Portuguesa*, se publicas-  
»sem em uma pequena Memoria tantas couzas falsas a  
»respeito deste benemerito portuguez.» Se o acautelado, e judiciozo auctor da nota não confessasse que ignorava (que nós saibamos), a sua ingenuidade se faria suspeitoza. Teve noticia da primeira Memoria, que com tanta razão julga como informe aggregado de falsidades, e não a teve da Memoria posterior, que a mesma sociedade fez publicar por meio da impressão em o anno de 1817? Se desta tivesse noticia não passaria pelo trabalho nem de escrever a nota, nem de fazer cargo de negligencia, e falta de conhecimentos á mesma Socieda-



tella, o Mestre d'Aviz mandou pintar (he provavel, advertimos outra vez ao Sr. Balbi, o pintor não fosse castelhano) o mesmo Infante, e a sua effigie levada pelas ruas, e

de, auctorizando erros tão monstruosos, como aquelles que se descobrem na primeira Memoria. Com a maior attenção, e urbanidade pedimos a tão respeitavel escritor queira lançar os olhos não só para a Memoria que a sociedade fez imprimir, mas para o prologo que lhe precede. Neste se previne o publico transcrevendo da maneira seguinte o que se adverte a todos os assignantes: » Merece com tudo advertencia especial o Elogio » inteiro de Mattheus Fernandes, Architecto do Con- » vento da Batalha, o qual como falso desacredita ver- » dadeiramente a boa tenção, com que todos os outros » se escreverão, procurando acertar-se na veracidade das » cousas, e dizendo sómente o que consta dos Historia- » dores ou Documentos, e se deve ter por sem duvida. » —Em satisfação aos Senhores Assignantes desta Obra » cumpre declarar, que este não foi o Elogio de Mat- » theus Fernandes que se fez para aquelle Folheto; e o » que nelle está fez então publicar o Reverendissimo P. » M. Fr. José Marianno da Conceição Velozo, um dos » sujeitos benemeritos, e que muito contribuiu para es- » ta Sociedade. He elle tal, que deu, logo que appa- » receu, motivo de desgosto a muitos que o lerão; por- » que alem de empregar quatro paginas de longo e en- » fadonho preambulo entroncado na Torre de Babel, » que nada diz ao assumpto; o pouco, ou quazi nada, » que traz delle, he escrito com tantas falsidades e con- » tradições, que quazi nos envergonhamos de o confu- » tar: mas devemos faze-lo por nos desafrontar. » Eis aqui o juizo que a sociedade formou do merecimento da Memoria confutada, dez annos antes que se escrevesse a nota que temos de signada. Tambem he notavel a semrazão com que o critico lança em rosto a negligencia dos portuguezes, por não terem feito menção da se-

praças de Lisboa; a vista deste retrato accendeu em os animos da gente portugueza tal ardimento, que em poucos dias juntou o exercito que o fez subir ao throno. Por este

pultura de Mattheus Fernandes, e da inscripção gravada sobre a campa. De uma e outra se faz menção no mesmo Elogio. Delle consta que Mattheus Fernandes fallecera no dia tres (e não a dez) d'Abril de 1515, como se vê da copia de um assento que havia no convento da Batalha, e que remetteu á sociedade o P.<sup>o</sup> Fr. Francisco de Paula Carneiro, o qual diz assim: *No dia 3 d'Abril de 1515, foi Deos servido descansar dos trabalhos desta vida a Mattheus Fernandes:* no que se conforma com o epitafio, que diz: *Aqui jaz Mattheus Fernandes, Mestre que foi destas obras, e sua mulher Izabel Guilherme. Elle levou-o Deos aos 3 d'Abril de 1515. Ella levou-a Deos....* No mesmo elogio se refere, que Mattheus Fernandes está sepultado ao entrar da porta principal da igreja, junto da capella do Fundador, e que o epitafio está em gothico; e que para o lado esquerdo continua outro epitafio, que tal he: *Aqui jaz o Licenciado Miguel Henriques, e sua mulher Antonia de Vilar.* Confrontando o epitafio que da Batalha se enviou, e a sociedade fez inserir no elogio deste celebre architecto, com o que aponta a nota indicada, vemos que ha differença no dia da morte, dizendo um *á tres* e outro *a dez*; e dizer um *Elle levou-o Deos*, e outro *é levou-o nosso senhor*, sendo no mais identicos, ainda que com algumas pequenas differenças orthograficas. Temos pois mostrado, que não devem ser reputados como negligentes os portuguezes por tal omissão. Cumpre tambem advertir ao illustre Escriitor da nota que não deve entrar em duvida que Mattheus Fernandes fosse o mestre das obras no reinado do senhor D. João II; porque no Livro XI da Chancellaria deste Soberano, a fol. 5, se acha um Padrão de tença annual de um moio de trigo, passado em Santarem



modo (diz um moderno escritor) estimando o senhor Rei D. João I a pintura, soube ella agradecer-lho, pois assim como um quadro em outro tempo salvou Rhodes, outro

a Mattheus Fernandes pedreiro, Mestre das Obras do Convento da Batalha, a 8 de Julho de 1491. Não podendo dar maior extensão a estas annotações, cumprenos unicamente asseverar, que no elogio, e memoria que se fez em contrapozição á primeira mandada inserir no corpo da obra pelo P.<sup>o</sup> M.<sup>e</sup> Velozo se destroem todos os fundamentos desta memoria, como falsos: ali se nega (como depois expendeu em a nota o auctor da memoria), que Mattheus Fernandes fosse o architecto da primeira obra da Batalha, vivendo no tempo do senhor Rei D. João I: que he falso o testemunho que allega da antiga Chronica Carmelitana: que he absurdo suppor a Mattheus Fernandes nascido no reinado de D. Fernando » que ainda concedendo que fora logo no primeiro anno, em que aquelle Rei subiu ao throno, » que foi em 1367, desde então até ao anno de 1385, » em que se fundou o convento da Batalha, vão só 18 » annos de idade para Mattheus Fernandes, que des- » contando os que havia de ter, quando foi mandado, » dão mui poucos para poder ter viajado em Alemanha » e Italia, e permanecer largo tempo em Colonia cidade de de Alemanha, e vir a Portugal com as plantas e » riscos dos melhores edificios da Europa.» Em uma palavra: veja-se o prologo e memoria publicada em 1817, então se formará conceito da circumspeção com que procedemos neste objecto. A saudosa lembrança que nos deve a falta dos varões conspicuos que formarão este corpo literario, e que a morte roubou á patria, e ás sciencias, que com tanto esmero souberão cultivar, restando unicamente quem não merecia ter lugar entre elles, nos obriga ao pundonor de levantar o brado, ainda que pequeno, em honra da sua memoria, quando esta de alguma sorte possa ser manchada.

quadro lhe seguiu a corôa na cabeça (a). Do senhor Rei D. João I ha tradição, que em a sala das sessões da Caza dos vinte e quatro do povo da cidade de Lisboa, instituição do mesmo soberano correndo o anno de 1384 de Christo, que pelo computo então uzado da era de Cesar se dizia de 1422, se conservou por muitos annos um quadro com o seu retrato, o qual pereceu no incendio com as cazas proprias em que esta corporação celebrava as suas sessões, na praça do Rocio, junto da igreja do hospital de todos os Santos, fundação do senhor D. João II. O Sr. Balbi equivocou-se em chamar Nuno Coelho a Nuno Gonçalves; este artista ainda naquelles tempos em que a pintura não tinha chegado ao seu maior aperfeiçoamento, pintou, diz o nosso Francisco de Hollanda, com louvavel deligencia o altar de S. Vicente em a Sé de Lisboa. Já no tempo, affirma Cyrilo (b), um certo João Annes teve carta de pintor do Rei D. Affonso V em 1454; Gonçalo Gomes; Braz do Avellar, e outros servirão aos senhores Reis D. Manoel, e D. João III. O certo he, que remontando-se entre nós a arte da pintura até a mais su-

---

(a) Veja-se o Tratado das honr. da pint. escult. e archit. pag. 101.

(b) Prefacio, pag. 16.



bida antiguidade, não consta que a nossa escola dimanasse, e tivesse a sua origem da hespanhola. Nesses tempos os hespanhoes estavam tão atrasados como os portuguezes; e se os artistas castelhanos mudarão d'um estilo secco, e mesquinho, adoptando o mais livre e grandiozo, Affonso Burrugheto o principiou, assim como entre nós Antonio Campello. A nossa escola sempre foi a italiana; Grão Vasco estudou na Italia (a); e Amaro do Valle foi a Roma. Porem aonde se conhece a maneira da escola italiana, é em os paineis de Antonio Campello (b), e Gaspar

---

(a) Pintor, que apesar do seu estilo um pouco secco, e gothico, deve ser reputado como um dos mais famosos artistas portuguezes. Na architectura, e perspectiva foi habilissimo. Neste reino ha muitas obras do seu pincel admiravel. Em verdade as mais bem acabadas erão as que se conservavão no real convento de Thomar. Porem oh fatalidade! A maior parte destes quadros preciozissimos forão victimas desgraçadas da torpe e barbara ignorancia do exercito invazor do general Massena; não escapando tambem as cadeiras, espaldares, figuras, e ornatos do magestoso côro, com os riquissimos livros illuminados pelo nosso Francisco de Hollanda: perda irreparavel! Quando alguns estrangeiros escrevem que os portuguezes não prezão as artes, e os julgão semibárbaros, devemos lançar-lhes em rosto, que os portuguezes tinham em grande conta estes, e outros monumentos, e só delles ficarão esbulhados, quando força, e ignorancia estrangeira os consumiu, destruiu, abrazou, e roubou.

(b) Este artista imitou a Miguel Angelo Bounarata. O painel que existe na escada principal do mosteiro.

Dias (a), que tambem aprendeu em Roma. Gregorio Lopes (b), Simão Rodrigues (c), e Marcos da Cruz (d). He mui certo, que nos reinados dos senhores D. Manoel, e D. João III, florecerão entre nós muitos pintores ha-

ro de Belem, que representa a Jesu-Christo com a Cruz ás costas, o da Coroação de espinhos, e o do Senhor resuscitado, quem deixará de nelles reconhecer o estilo sublime, e magestoso de Miguel Angelo?

(a) Procurou imitar o estilo de Rafael, e Parmazão. A este pintor se attribue o painel que representa a vinda do Espirito Santo, que se conserva na tribuna da capella mór da igreja de S. Roque (hoje Mizericórdia). Este bellissimo quadro arrebatou toda a attenção de Pedro Guaranti, quando em 1740 esteve nesta capital. O do Senhor no horto, que existe em Belem; e o de S. Roque, que está na capella da invocação do mesmo santo, são obras deste insigne artista.

(b) São do seu pincel alguns paineis da capella mor do real mosteiro de Belem. Em verdade são quadros admiraveis. Apesar dos retoques, que mãos pouco destras nelles affeiarão a sua original belleza, ainda se descobrem aquelles toques, e pinceladas magistraes, que mostram sua boa escola.

(c) Não temos descoberto deste pintor senão o quadro do Nascimento do Salvador, que está no refeitório do mosteiro de Belem; e que alguns pertendem seja de Amaro do Valle: a favor do primeiro ha mais segura opinião. Merece grande estima.

(d) Pintor admiravel, e bem o dá a conhecer o quadro de Santa Maria Magdalena de Pazis, que existe na igreja do convento do Carmo de Lisboa. Os paineis que ornão o cruzeiro da igreja do convento de Jesus se lhe attribuem: o tempo, e o máo estado a que os tem reduzido, não deixou fazer as observações que dezejavamos.



bilissimos, o que seria facil mostrar ao escritor se a materia e objecto o permittissem; e que Portugal não deixa de contar muitos artistas, em proporção da sua pequenez. Em quanto ao que o mesmo escritor refere a pag. CXCIV, que os conhecedores reprovão em geral nos pintores portuguezes a falta de colorido, expressão etc. em muitos quadros dos nossos artistas portuguezes assim antigos, como modernos: o contrario poderíamos mostrar nos paineis dos Vieiras (a), tanto o luzitano, como o denominado o portuense. Sem nos levarmos da paixão, e interesse nacional, podemos affirmar ao Sr. Balbi, que estes dois pintores podem competir com os pintores mais acreditados das outras nações. Sabemos que o Conde de La Lippe, que aos conhecimentos da guerra e tactica militar juntava o das bellas artes, teve sempre em grande conta o merecimento de Vieira luzitano: vezitava-o com frequencia, e do seu pincel levou para Alemanha um magnifico quadro de Santo Antonio. O inglez Guilherme Hudson comprou

---

(a) De Vieira luzitano accuzamos o excellente painel de Santo Agostinho, que embelleza a portaria do convento da Graça: o de S. Francisco na capella mór da igreja do Menino Deos: o de S. Pedro, e S. Paulo, que possui a caza do excellentissimo Conde de Povolide; e alguns outros que muito adornão as igrejas de S. Francisco de Paula, e dos religiosos de S. Paulo 1.º Eremita.

por subido preço ao mesmo Vieira o primoroso original da Adoração dos Reis, do qual, entre os da nossa collecção conservamos o desenho. Do merecimento de Vieira portuense nos attestão suas composições admiráveis. Os painéis encantadores da infeliz D. Ignez de Castro, e do invicto Duarte Pacheco Pereira, immortalizarão sempre a memoria deste grande artista. He bem justo o elogio que lhe tece o escritor, assim como a Cyrilo Volckmar Machado. Em conhecimentos da arte talvez Portugal não conte outro igual (a).

Seguindo o pensamento do Sr. Balbi, ou do juizo que dos nossos artistas formão os estrangeiros, confessamos que muitos pintores portuguezes terão defeitos, estes nós os temos visto notar até no maior quadro do universo, qual he o da Transfiguração, obra prima do immortal Rafael de Urbino. Que se não tem escrito ácerca do famoso painel da Communhão de S. Jeronymo, por Dominichino; do Descobrimento da Cruz, de Daniel de Volterra, e de outros? Um dos pintores que nos deve a maior consideração he o famoso Leonardo de Vinci; pois apezar de ser

---

(a) Em tempos mais atrazados tivemos pintores de grande nota. Entre estes podemos designar Diogo Pereira, que não tendo por mestres senão a natureza e o genio, todavia os painéis dos fogos tem a maior estimação na França, na Inglaterra, e na Alemanha.

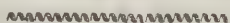


grande na invenção, correcto no dezenho, agradável no colorido, todavia não deixa de ser taxado algumas vezes de apoucado, e mesquinho (a). Vamos a concluir, affirmando ao auctor, que em toda a parte tem havido bons, e máos pintores; e perguntariamos a todos aquelles que desdenhão dos nossos portuguezes, se a escola romana teve muitos Rafaeis? A florentina muitos Bounaratas (esta certamente foi a mais fertil em bons artistas)? A veneziana muitos Ticianos? Rematemos nossas reflexões asseverando com a maior imparcialidade, que ninguem pode roubar aos portuguezes a gloria de serem dotados de talento, e de engenho, prin-

---

(a) Em obzequio dos amadores da pintura accusamos do pincel deste grande homem um pequeno quadro, que existe na precioza galleria do excellentissimo Marquez de Tancos: assim como oito paineis de Jacob Bassano, que o Principe Eugenio quiz comprar, offerecendo Pedro Guaranti, por parte do mesmo Principe, uma consideravel quantia ao Conde da Atalaia D. João Manoel, a qual generosamente regeitou. São em verdade dignos do maior apreço. Nesta galleria existem quadros originaes de Antonio Corregio; Miguel Angelo; Bartholomeu Morillo; Angelo Nardi; João Payt; Bernardino Le yns, pintor milanez; Paulo Bril; Pedro Brugola, pintor flamengo; Abrahão Oleomart; Francisco Salviati; Antonio Tempesta; Paris de Bordon, celebre pintor veneziano; Palma o moço, e outros: não devendo esquecer o admiravel e famozissimo painel de Luiz XIV, que o representa a cavallo na acção de dar uma batalha, obra singular de Lebrum.

cipalmente para a boa imitação; e se as artes não tem medrado tanto entre nós, como em outras nações, attendão-se outros motivos. O juizo que o Sr. Balbi forma da aptidão dos nossos artistas, e outras reflexões a este mesmo respeito são mui justas.



### *Escultura.*

Pag. CXCVIII. Tratando da escultura não ha duvida que pouca, ou nenhuma noticia ha dos portuguezes antigos que deixassem obras memoraveis; antes algumas estatuas pedestres que ennobrecem algumas igrejas, e cathedraes, como as da capella mór da Sé da Guarda, e de Santa Maria do Castello na villa do Pombal, sabemos forão obras por mãos estrangeiras. No seculo XVII, affirma Cyrilo (a), havião entre nós algumas estatuas, as quaes não acreditão seus auctores. Designa, entre outras, as de S. Pedro, e S. Paulo que estão na frontaria da igreja de Nossa Senhora do Loreto; e não livra desta censura ao italiano Padua, cujas estatuas ornão a capella mór da igreja da Sé metropolitana de Evora; assim como a de S.

---

(a) Collecção de Memór. pag. 252.



João Nepomuceno, que está collocada sobre a ponte de Alcantara. Porem já em 1650 vivia o nosso insigne portuguez Manoel Pereira, que indo para Madrid, acreditou o nome portuguez com as suas magnificas e bem acabadas estatuas (a). Palomino, cujo elogio se não faz suspeitozo, engrandece, e louva muito as estatuas de S. Bruno, que Philippe IV, bom entendedor, não se satisfazia de ver e admirar; e de S. João de Deos, ambas collocadas no frontespicio das igrejas dos conventos de suas respectivas ordens! Vivia nesses tempos com mui boa reputação Braz de Mendoça, escultor lisbonense. Não devemos esquecer o distincto merecimento do P.<sup>o</sup> Ignacio de Vasconcellos, o qual esculpia em barro muitas estatuas, e tambem sabia fundir em metaes. Porem neste genero ninguem melhor nesses tempos, do que Antonio Ferreira. Não parece possivel, diz Cy-

---

(a) Fr. Luiz de Souza, Historia de S. Domingos, part. II, pag. 99, ediç. de 1662, na bellissima descripção do convento de Bemfica, e das obras que o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. João de Vasconcellos mandou fazer, levantando a igreja a melhor traça, não lhe esqueceu uma curioza, e bem merecida memoria de algumas imagens de escultura, que ornão aquelle santuario. Este escritor qualifica a nossa asserção. « Vierão (diz elle) estas imagens do reino de Castella, feitas por um insigne official, e por tal chamado áquella corte, portuguez, natural do Porto; mereça eterna lembrança por unico, e honra dos engenhos portuguezes. »

rilo (a) ”ver modeladas em barro melhores figuras campestres, que as que conhecemos deste artista raro do ultimo seculo.” Sabemos que muitos estrangeiros affeiçãoados ás bellas artes admirão no prezepio da Cartuxa em Laveiras, e na igreja do convento da Madre de Deos, o merecimento deste habil artista.

Devemos lembrar o nome de Fr. Manoel Teixeira, religioso Trinitario, insigne neste genero. Com a maior magoa sentimos não escaparem á ignorancia e barbaridade dos soldados do exercito invazor do general Massena, as estatuas que existião na igreja do convento da Trindade em Santarem, principalmente as da capella mór. Tudo quanto ali se via era digno de admiração, e que bem mostrava a quanto pode chegar o talento, e engenho portuguez. Porem entre todos os esculptores portuguezes, um dos mais insignes, foi José d’Almeida. As suas estatuas em marmore são admiraveis; e ha quem affirme podem competir com as melhores, e mais bem acabadas. A de S. Paulo, e outras que adornão a real capella de Nossa Senhora das Necessidades, são de grande merecimento. Em madeira, quem deixará de conhecer que a imagem de S. Camillo de Lelis que se venera na igreja do convento da sua ordem: as

---

(a) Collecção de Memor. pag. 256.



imagens da Paixão do Salvador, que vão na procissão dos terceiros do Carmo; e as de Nossa Senhora Mãi dos homens, e S. José, que estão na igreja do convento de S. Francisco de Xabregas, são deste famoso artifice? São também mui justos os louvores que o Sr. Balbi rende a um escultor tão conhecido em toda a Europa, como o insigne Joaquim Machado de Castro. A este artista devemos a mais estreita amizade, e a conservamos até os seus ultimos dias. Foi sem contradição um portuguez dignissimo, e que honrou a sua profissão. Muito applicado ainda a outros objectos alheios da sua arte. As muitas e repetidas occaziões em que o procuravamos, sempre recebiamos noticias instructivas. Louvava, e tinha em grande conta as obras de Manoel Dias, Manoel Vieira; e segundo nossa lembrança, Innocencio da Costa, Antonio dos Santos, e Nicoláu Pinto. Estes escultores não desacreditarão a arte.

~~~~~

Muzica.

Pag. CCLV. Não tem deixado de ser accusado o auctor do *Ensaio* da pouca selecção, e escolha com que procedeu ácerca deste objecto. Este defeito he mui transcenden-

te na maior parte do sobredito *Ensaio*, e o que ordinariamente succede em obras de semelhante natureza, quando não precede melindroza, e attenta escolha das pessoas a quem consultamos, e se deixão levar de informações vagas. Quantos sujeitos de merecimento reconhecido nesta arte não designa o escritor? Porem que differença em outros que poz na mesma linha! Resta portanto dizer ao Sr. Balbi, que não he da nossa competencia o fazer lembrança do gosto em que prezentemente se acha a Muzica, que no conceito de um judiciozo escritor está reduzida a uma arte *de dizer difficuldades*; e desta opinião erão já Rousseau, e d'Alembert. He pois da nossa intenção mostrar ao auctor, que os portuguezes tem prezado a Muzica, imitadora da natureza, porque exprime, e move affectos, e que já entre os gregos tinha sido tão cultivada. Todavia, quem melhor que o Sr. Balbi pode certificar-nos, que na Italia he aonde esta arte tem chegado ao seu maior auge, e que depois desta nação a portugueza, e a hespanhola, não cede a nenhuma outra? A Muzica entre nós, diz um respeitavel escritor (a), cultivou-se com paixão no seculo XVI: o Abbade Diogo Bar-

(a) D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, Mem. Hist. do Minist. do Pulpito, cap. XXV, pag. 135.

boza Machado, em sua Bibliotheca; o Beneficiado João Baptista de Castro, no Mappa de Portugal, fazem memoria de muitos portuguezes que se assignalarão nesta profissão; e João de Barros no elogio que teceu á memoria da esclarecida Infanta D. Maria (a), mostra o esmero com que esta sabia heroína se dava á Muzica: Sabido he quanto o senhor Rei D. João o IV cultivou esta arte encantadora, e a estimação que lhe deverão os mais insignes professores do seu tempo, chegando a manda-los retratar, e conservar as suas effigies em palacio. Do senhor Rei D. José escuzamos mostrar quanto foi dado á Muzica, pois o auctor o mostra so-bejamente. Soffra pois o Sr. Balbi, que lhe lancemos em rosto, que teve as suas costumadas omissões neste artigo, não declarando os nomes de muitos sujeitos acreditados, substituindo-lhes outros de minguada reputação. Merecião serem lembrados João de Souza Carvalho; João Cordeiro; o P.^o João Galão; e Fr. Manoel Gaspar; eremita de Santo Agostinho: Como excellêntes tenores foi um grande descuido lembrar-se de Policarpo, e não o fazer de José Joaquim Durão; Joaquim d'Oliveira; e Fr. Mattheus da Cruz, Carmelita calçado. Como instrumen-

(a) A pag. 139, num. 45.

tistas merecião um lugar mui distincto no *Ensaio*, Estanisláo Borges, famoso regente de orquestra; o P.^o José Massa; João Dias Chaves. Como organistas, José do Espirito Santo; João José Baldi; D. José da Boa morte, conego regente de Santo Agostinho; Fr. Manoel Elias; Fr. Bernardo; Fr. José Marques, da congregação de S. Paulo primeiro Eremita; Henrique da Silva; Fr. José da Assumpção, eremita de Santo Agostinho; José Antonio de Figueiredo; e José Alves Mosca. No pouco que escrevemos a este respeito, se conhecerá que o auctor do *Ensaio* teve suas falhas.



Epilogo, ou ideia geral do Ensaio.

Rematando nossas observações devemos assentar, que o *Ensaio Estatístico* afora os defeitos, que deixamos apontados, não parece uma obra methodica; nella inseriu o escriptor objectos estranhos, e mui alheios do fim a que se propoz, persuadindo-se talvez que os seus dois grossos volumes podião dar-lhes novo lustre, avaliando, conforme o parecer do nosso judiciozo Jacintho Freire de Andrada, os livros mais pelo pezo do que pelo feitio. Este defeito de que arguimos ao

Sr. Balbi, não receamos delle nos faça cargo em as nossas observações, pois tudo quanto levamos escrito tem relação com o objecto principal, sem inserirmos noticias alheias delle. Deixamos de fazer algumas observações por não parecermos assás minuciozo, nem roubar o tempo a nossos leitores. Todavia não ha disparidade mais fora de propozito, do que quando trata dos edificios mais celebres desta capital, lembrar-se, depois de nos fazer ver como edificios magestozos os Reaes mosteiros de S. Vicente de fora, o de S. Bento etc. parece compara-los com o convento dos Agostinhos descalços, ao Grilo! E a apoucada, e mesquinha barraca de D. Gastão da Camara, com os soberbos palacios dos Marquezes de Pombal, Borba, e outros edificios pelo auctor designados, quando a sobredita barraca de D. Gastão não pode entrar em parallello com mil outros edificios, que aformozeão a nossa capital. Em summa não podemos deixar de apontar de passagem varias asserções destituidas de todo o fundamento, que corrigidas aqui, poderão deixar de induzir em erro os que não lerem o *Ensaio* com amplo conhecimento da nossa historia literaria do seculo prezente. Lembre-se o auctor do que escreveu a pag. XXXVIII, e appareção as provas, e os testemunhos authenticos da sua asserção. Advertimos que

não he da nossa intenção desdourar aquelles a quem o escritor impellido de bizarra rezo-
 lução corôa dos mais altos elogios: motivos
 particulares, ou uma paixão desmedida fez
 apparecer luz aonde não ha senão obscurida-
 de; e porisso ouzamos perguntar ao escritor,
 quaes são as provas, quaes os fundamentos
 que auctorizem a sua asserção quando repu-
 ta a alguns não só como theologos, mas não
 contente com esta incensadela os faz appa-
 recer no artigo da *Literatura* como *sabios*
profundos, *vastos* etc. Com effeito as pala-
 vras *profundidade*, *vastidão* mui avezadas es-
 tavão na boca do escritor, e bem corriquei-
 ras andão (soffra-se-me o termo) em todo o
Ensaio. Pensará o escritor que bastava desi-
 gna-los como sujeitos que formavão o corpo
 da *Sociedade patriotica*, e que ouvindo no-
 mear esta respeitavel, e mui escolhida *Aca-*
demia ficariamos assombrados; ou que daria-
 mos todo o pezo, e auctoridade por serem
 nomeados para uma *reforma ecclesiastica*?
 Nada teriamos a dizer se em todos os tem-
 pos os empregos, e os premios fossem a re-
 compensa do varão sabio, mas por azâr nem
 sempre a fortuna anda vinculada com o me-
 recimento. Quem poderá reputar-nos como
 escritor descomedido, quando mui seriamen-
 te advertimos ao Sr. Balbi, que fallando de
 alguns parece que mais os quiz offender, que

elogiar? A honra, a fama, o esplendor da nação portugueza nada ganhou com o accrescentamento de tantos sabios *imaginarios*. Sirva-lhe pois de regra a judicioza, e bem asentada reflexão d'um escritor (a) tão culto, como por tantos titulos respeitavel = Os louvores da ingenuidade, que concede todavia excepções, honrão mais do que os gabos que mostram por exagerados, ou o cego enthusiasmo, ou a pouca intelligencia de quem os dá = Parece que o Sr. Balbi fallando de alguns no ramo dos Economistas, nos revelou que tinhamos tantos *sabios vastos, e profundos*, que bem apezar nosso sentimos affirmar que em Portugal ainda hoje se não conhece uma obra, que os faça respeitar como taes. Seguindo os outros ramos, em quazi todos se nota esta devota, e generosa admissão de alguns sujeitos, e excluzão de outros, que provavelmente não vierão á sua noticia. Por exemplo, a pag. CXXI, entre os nossos Geografos dá-nos Simão Loureiro. Pag. CXXIV. O Diccionario inglez e portuguez do Doutor Felix do Avellar Brotero não he conhecido em Portugal, aonde devera ser estimado como obra digna de seu au-

(a) O auctor da erudita Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões, inserida no tomo VII da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 163.

ctor, se tal Diccionario existisse. Achar-se-ha aonde se acharem os dois volumes de poezias do P.^o Diogo, mencionados a paginas CLXXII. Pag. CXXXV. O auctor não poderá certificar-nos que vio as obras de Montesquieu em portuguez. Onde descobrio em portuguez o Espirito das Leis? Dizendo que as obras de *Fenellon*, de *Rollin*, de *Montesquieu*, de *Millot*, e de uma multidão de outros escritores celebres são ha longo tempo conhecidas de todos os portuguezes. He certo que faz muita honra á Literatura portugueza, mas faz tambem muita injuria á verdade, porque os portuguezes a amão, e a prezão. Sim ha em portuguez algumas das obras dos citados auctores; porem o *Telemaco*, o *Quintiliano*, as *Cartas Peruvianas*, e a *Historia universal*, não são todas as obras (são algumas das obras) daquelles illustres auctores; bem como de *Corneille*, e *Racine*, ainda temos em portuguez mui poucas tragedias etc. Parece que o Sr. Balbi ignorava muito qual fosse o estado da Literatura hespanhola quando assevera nesta mesma pagina = Que apesar de em Portugal ser muito mais geral, que em Hespanha o conhecimento da lingua franceza, o numero das traducções das boas obras de historia, e de literatura escritas em francez, he maior á proporção em Portugal, que na Hespanha.

— Informando-se bem ha de achar isso muito pelo contrario: a *Encyclopedie*, *Buffon*, *Bossuet*, *Burdaloue* etc. etc. achão-se em hespanhol. Pag. CLXXVIII. Dá entre os Periodicos de Lisboa, o *Almanack*, *Almocreve das petas*, o *Calendario dos santos*, aliàs *Diario ecclesiastico*, e vulgarmente denominado a *Folhinha*. E porque não deo tambem o *Reportorio do Borda d'agua*, ou do Pretinho?... O interessante *Semanario de instrucção e recreio*, que aponta na pagina seguinte, sahio de oito em oito dias, e não de quatro a quatro; porem estas, e outras minucias, como a pag. CXXI chamar Conselheiro d'Estado a José Francisco Braamcamp, que nunca o foi. Trazer a pag. LXXXIX como Tenente general a Antonio Teixeira Rebello, não tendo senão a patente de Marechal de Campo reformado. Trocar nomes, como a pag. CLXX, que em lugar de Joaquim José Pedro Lopes, o baptizou Antonio José; outras equivocacões como *Calinhos* picador, *Catão Luzitano*. D. Francisco Patricio da Silva, Franciseo José d'Almeida Drack, e outros trocadilhos, e inexactidões semelhantes são mais desculpaveis, do que dizer-nos a pag. CCXIX = Que Feliciano de Moraes, empregado na Secretaria d'Estado, compoz *Comedias agradaveis*, e *mui comicas*. = He bem de crer, quiz fallar de

Manoel de Figueiredo, official da Secretaria d'Estado, cujo *Theatro* se acha impresso. Já advertimos mais d'uma vez neste opusculo, não ser da nossa intenção fazer observações sobre aquellas materias que não estão ao alcance de nossos conhecimentos; as que fizemos em nosso entender parecem justas. Todavia conhecemos que não ha obras sem falhas. O *Ensaio Estatistico* tem defeitos porque seu auctor he homem, e porque ainda os corpos mais luminosos tem suas manchas. Comtudo neste opusculo, e observações que temos feito ácerca do *Ensaio* pozemos o maior cuidado em não ser daquelles homens, que iscados da vaidade escrevem antes de pensar, e julgão antes de conhecer; e deste gravissimo defeito não livramos em muitos artigos ao auctor do *Ensaio*. Elle não escreveo no centro da Sibéria, ou da Tartaria: esteve muito tempo em Portugal; devia consultar homens intelligentes, desapaixonados, e de conhecida probidade, e não a muitos, que levados de considerações injustas, depois de se recommendarem a si, não se esquecerão dos seus adeptos. He para sentir, que o esplendor d'uma nação, que tal reputamos os homens sabios como um dos seus mais bellos ornamentos, dependesse de informações vagas, e apaixonadas! E qual será pois o leitor justo, e im-

parcial que deixe de conhecer que o auctor quando trata principalmente da Literatura lançou mão do thuribulo, e se consagrou todo a incensar o merecimento (de alguns pode chamar-se-lhe *imaginario*) de todos aquelles a quem pelas circumstancias pretendia lisonjear, exaltando-os até ás estrellas, com injusto esquecimento de outros, que a proceder com rectidão devião occupar, e ter um lugar mui distincto no seu *Ensaio*!

Não pareça ao auctor fica plenamente justificado com inserir no mesmo *Ensaio* o numero dos Socios de que se compõe o respeitavel Corpo da Real Academia das Sciencias de Lisboa, nem a taboada dos livros impressos, que trabalhos alheios aproveitarão, e onde nós tivemos a honra de sermos comprehendidos, bem que procedeo sem exacta noticia de alguns escritos que já nesse tempo haviamos publicado. Mui bem conhecemos qual foi a manha, e industria do compillador em arranjar tanto um como outro catalogo para não chamar sobre si a censura, e sem passar pela dura necessidade de a todos designar debaixo dos apparatus títulos de *sabios profundos*, *distinctos* etc. elogios que só lhe fazia conta tributar a seu bel prazer a muitos!!!

Estes talvez pertendão vingar a repu-

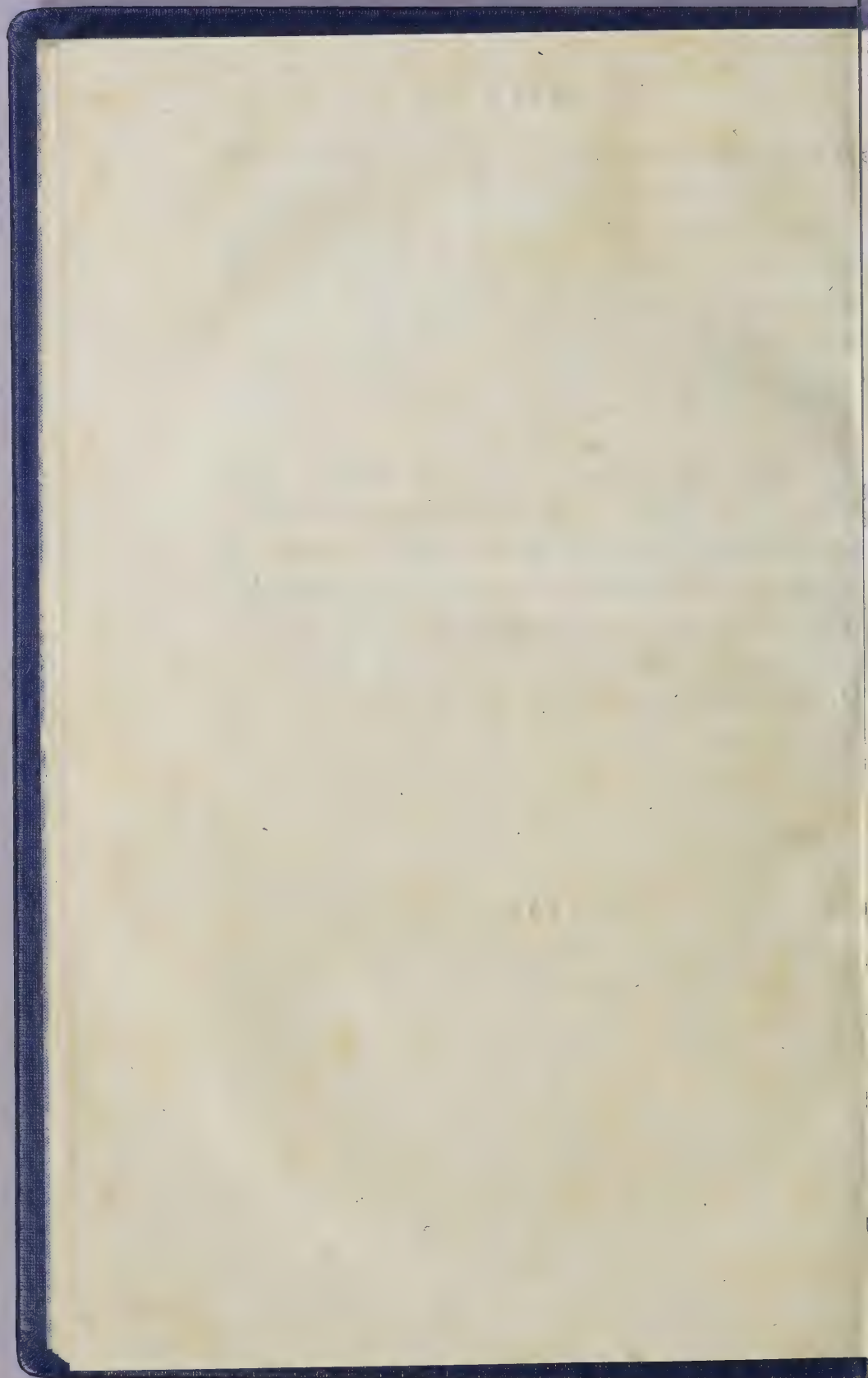
tação do escritor offendida por nossas observações; porem protestamos desde já não respondermos, principalmente áquelles que julgão taparem a boca d'um escritor com injurias, sarcasmos, e personalidades, parecendo mais censores dos costumes do que das letras. A estes só responderemos com o desprezo, e com o silencio; e com este nosso protesto abraçaremos as judiciozas maximas d'um celebre escritor (a) ” Mas debaixo desta promessa fiquem logo de accordo os que intentarem censurar-nos só por motivo de differença que notarem entre as suas opiniões, e as nossas, que será nenhuma para nós toda a critica dictada pela animozidade, ou quaesquer outros respeitos. Aquelle a quem só anima o interesse da verdade, só uza da linguagem da razão, porque a da paixão sempre inculca almas baixas, e despreziveis. E quando a critica he sabia, e se encaminha á utilidade, e instrucção motiva os seus juizos, e nunca deixa de ser honesta; pelo que não se lhe pode dar melhores demonstraões do reconhecimento que se lhe deve, senão uzando de suas observaões. Mas quando sua intenção he fazer mal, e aviltar a obra,

(a) Abbade Ducreux, em a obra intitulada = Se-
culos Christãos, ou Historia do Christianismo, em por-
tuguez, tom. 9.º pag. 333.

e seu auctor, sempre he dura, desbocada, arrebatada, e de má fé; e como he injusta, os seus procedimentos são correspondentes aos seus motivos, e por isso deve ser havida como se a não houvera; pois mostrar-se sensivel ás suas injurias, e perder o tempo em resachar os seus ataques, seria servir á paixão de seus auctores, e faltar a si proprio."

Em fim estimariamos em muito, para gloria da nação, que os portuguezes applicados a trabalhos uteis em toda a especie de literatura escuzassem que pennas estrangeiras diminuisssem d'alguma sorte o credito, que em seculos mais afortunados merecerão nossas tarefas, e gloriozas emprezas.

F I M.



ERRATAS, E ADDICÇÕES.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
7	11-12	mandarem	mandar
"	16	acumulando-os	cumulando-os
"	18	enviar-lhe	enviar-lhes
"	20	honra da	honrada
17	7	contribuiu	contribuirão
"	18	e de Romanos	e dos Romanos
20	6	por	pôr
23	22	ordinariamente	de ordinario
"	25	e precedeu um vas- to etc.	e procedeu, um vas- to etc.
24	24	quem	que
25	10	provincias	povoações
"	22	e do dito,	e do dito lugar,
26	4	baixo imperio	Baixo Imperio
28	5	Lombarbia	Lombardia
"	21	<i>virtudes</i>	<i>façanhas</i>
30	9	Pintor,	Pinto,
31	11	Mousinho de Gue- bedo	Mousinho de Que- bedo
47	5	JACET	TACET
56	22	ao que diz	no que diz
58	11	Blondelns Odins,	Blondels, Oudins,
60	19	o actual decano	o ha pouco falleci- do Decano
61	31	cuja	que
66	8-9	Manoel Vicente Go- mes.	José Vicente Go- mes de Moura
89	14	e qual	a qual
"	18	tinha	tenha
94	18	para annunciarem	para a annuncia- rem
96	25	que alguns	que em alguns
121	9-10	Bounaratas	Buonarotas

18-469

347

C828
55860

600

4/09

cc (KRETS, Lulo-Braz. p. 15)

AA 11/28/94





